

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento: Educação
Mestrado em: Educação Pré-Escolar

Relatório Final

A Organização do Tempo no
Movimento da Escola Moderna
Portuguesa

Rute Manuel Sénica e Rosa Simões Alfaiate

Coimbra
2011

[Escrever texto]



Departamento: Educação
Mestrado em: Educação Pré-Escolar

Relatório Final

A Organização do Tempo no Movimento da Escola Moderna Portuguesa

Rute Manuel Sénica e Rosa Simões Alfaiate

Trabalho realizado sob a orientação do(a) Professor(a):
Dr.^a Vera do Vale

Setembro de 2011

[Escrever texto]

[Escrever texto]



*Aos homens ordenou que navegassem
Sempre mais longe para ver o que havia
E sempre para o sul e que indagassem
o mar, a terra, o vento, a calmaria,
os povos e os astros
E no desconhecido cada dia entrassem*

Sophia de Mello Breyner

[Escrever texto]

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha família porque sem ela eu não seria nada, ao estabelecimento de ensino, no qual desempenho a função de Educadora de Infância desde 1999, e à Dr.^a Vera Vale todo o apoio prestado durante a realização do presente documento.

Título da Tese de Mestrado

A Organização do Tempo no Movimento da Escola Moderna Portuguesa

Resumo

A presente dissertação pretende abordar a organização do tempo na pedagogia do Movimento da Escola Moderna Portuguesa. Para além da organização do tempo da semana na Agenda Semanal vamos debruçar-nos sobre a sua denominação e composição, o que ocorre nesses momentos e como estes são planificados, desenvolvidos e avaliados.

Pretendemos também situar estes tempos na experiência de trabalho realizada numa IPSS de Coimbra caracterizando-a. Dissertaremos posteriormente sobre a dinâmica de trabalho que realizámos no ano lectivo 2010/2011 e sobre a forma como organizámos o tempo semanal e os diferentes tempos do dia na nossa sala de actividades.

Posteriormente daremos exemplos de actividades realizadas no âmbito dos diferentes tempos da semana.

Palavras-chave: Movimento da Escola Moderna, tempo, semana

Heading of the Thesis of Mestrado

The Organization of the Time in the Movement of the Portuguese Modern School

Summary

The present thesis intends to approach the organization of the time in the pedagogy of the Movement of the Portuguese Modern School. It stops beyond the organization of the time of the week in the Weekly Agenda we go to lean over on its denomination and composition, what it occurs at these moments and as these are designed, developed and evaluated.

We also intend to point out these times in the working experience carried through in a IPSS of Coimbra being characterized it. Later we will explain the dynamics of work that we carried through in school year 2010/2011 and on the form as we organized the weekly time and the different times of the day in our room of activities.

Later we will give examples of activities carried through in the scope of the different times of the week.

Key-words: Movement of the Modern School, time, week

Sumário

Introdução	Pg. 4
I O Movimento da Escola Moderna em Portugal – breve contextualização histórica	Pg. 6
II Princípios Metodológicos	Pg. 9
III Caracterização da Instituição	Pg. 14
3.1. Organização e Dinâmica da Instituição	Pg. 14
3.1.1. Organização do Espaço.....	Pg. 14
3.1.2. Organização do Tempo	Pg. 16
3.1.3. Interacção com as Famílias e a Comunidade.....	Pg. 16
3.1.4. Metodologia de Avaliação	Pg. 18
IV A Sala dos 4 Anos – Sala do Bibe Vermelho	Pg. 21
4.1. Objectivos da <i>Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar</i>	Pg. 21
4.2. Objectivos e competências para o Grupos dos 4 Anos	Pg. 22
4.3. Organização do Tempo	Pg. 31
V Os tempos no Movimento da Escola Moderna	Pg. 37
5.1. Acolhimento	Pg. 38
5.2. Tempo de Trabalho Autónomo/Trabalho em Projecto	Pg. 41
5.3. Tempo das Comunicações	Pg. 59
5.4. Tempo de Trabalho Curricular participado pelo Grupo/Animação Cultural	Pg. 60
5.5. Reunião de Conselho	Pg. 85
VI Papel do Educador	Pg. 87
Conclusão	Pg. 90
Bibliografia	Pg. 94
Apêndices	Pg. 96

Abreviaturas

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

MEM – Movimento da Escola Moderna

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

TTA – Tempo de Trabalho Autónomo

Introdução

O presente relatório final é o resultado do trabalho desenvolvido no ano 2010/2011, no âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Deste modo pretendemos apresentar uma experiência de prática profissional desenvolvida no referido ano, numa Instituição de Educação Pré-Escolar em Coimbra.

Ao termos adoptado a metodologia do Movimento da Escola Moderna (MEM) exporemos a aventura de trabalhar MEM, descobrindo constantemente em conjunto com as crianças novas e diversificadas formas de trabalhar em Jardim de Infância. Por considerarmos esta actividade deveras apaixonante e plena de nos impressionar e surpreender entrámos neste Mestrado, após onze anos de trabalho e fizemo-lo com um prazer imenso. Apesar das contrariedades de ordem pessoal que nos assolaram é necessário ir sempre em frente e sem desanimar, ousar procurar saber mais e progredir sempre. Para além do apontado quem está no MEM nunca está satisfeito com o que já alcançou, está sempre sedento de saber mais, em conjunto com outros adultos e com as crianças. Foi por essa razão que nos identificámos com esta filosofia a partir do primeiro momento em que contactámos com ela.

Dentro das particularidades que caracterizam a metodologia MEM vamos debruçar-nos de modo particular sobre a organização do Tempo. No nível de ensino pré-escolar esta desdobra-se em alguns tempos específicos, mas completamente integrados e interligados entre si de forma harmoniosa, completando-se.

Deste modo o presente documento divide-se nas seguintes partes: o primeiro capítulo apresenta uma breve contextualização histórica sobre o Movimento da Escola Moderna em Portugal, o segundo capítulo os seus Princípios Metodológicos, o terceiro capítulo a caracterização da Instituição na qual trabalhamos, no quarto surge a contextualização sobre o nosso grupo da

Sala dos 4 Anos – Sala do Bibe Vermelho e o quinto capítulo documenta os tempos no Movimento da Escola Moderna e como os vivemos na nossa sala. Finalmente apresentamos o papel do Educador nesta dinâmica e a conclusão.

I O Movimento da Escola Moderna em Portugal – breve contextualização histórica

Neste capítulo vamos apresentar um breve historial da pedagogia de modo a contextualizar-nos para a descrição que se seguirá.

O Movimento da Escola Moderna (MEM) em Portugal teve a sua génese ainda no antigo regime. No sótão da sua casa Maria Amélia Borges¹, em companhia de outros professores, iniciou reuniões de partilha de experiências educativas por inconformidade à pedagogia oficial do ensino primário na política de Salazar, na década de 50. Estas reuniões eram de carácter completamente informal, apenas um grupo de amigos a partilhar experiências profissionais, e decorriam com algum segredo devido ao enquadramento político que se vivia na época.

A história do Movimento está profundamente enraizada em Freinet e também em Lev Vigotsky e na Psicologia Social. Posteriormente aos primeiros encontros, por volta de 1965, começam-se a delinear alguns objectivos e princípios deste modelo através de encontros sobre as técnicas de Freinet no Centro Infantil Helen Keller.

Em 1966 o MEM foi reconhecido como filiado na Federação Internacional de Movimentos de Escolas Modernas (FIMEM), no Congresso de Perpignan, o que constitui um importante marco na sua história.

Na década de 70 o Movimento consolidou-se através de várias actividades de divulgação, como acções de animação pedagógica e encontros de sensibilização, decorrentes também das alterações no regime político em Portugal.

Realmente, depois de 1974, o Movimento afirmou-se juridicamente e instalou-se numa sede. Nesta altura surge a publicação de um boletim que

¹ In *O Movimento da Escola Moderna*. Obra citada.

tinha o objectivo de divulgar experiências educativas entre os seus sócios, que deu origem à hoje existente revista do Movimento da Escola Moderna, denominada *Escola Moderna*. Esta publicação tem a periodicidade de três números por ano, actualmente no número 39, 5.^a série. Apesar desta publicação os registos escritos têm pouca relevância dentro do Movimento, a tradição é a partilha oral entre os docentes.

A partir da década de 80 o Movimento cresceu e consolidou as suas propostas pedagógicas através do desenvolvimento de alguns trabalhos de investigação sobre a pedagogia no ensino superior, aproximando o Movimento ao *mundo académico* e do reconhecimento da pedagogia pelas altas instâncias governamentais através da inclusão de alguns princípios e estratégia do MEM na Reforma Educativa. Tudo isto contribuiu para a consolidação e maturidade da pedagogia a todos os níveis e para o seu reconhecimento por parte de todos.

Para além da revista, como meio de comunicação, os associados do Movimento sentiram necessidade de realizar pontos de encontro e partilha de experiências e reflexão em encontros nacionais de modo a definir as linhas orientadoras da pedagogia. Estes encontros tiveram posteriormente a designação de congressos, o primeiro dos quais ocorreu no ano de 1979. Na época da Páscoa realizam-se também encontros para definir temas orientadores de reflexão e trabalho. Estes são os únicos momentos vedados ao público em geral. Actualmente os sócios do MEM têm elementos de todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar até ao ensino superior. Até 1978 apenas compreendia educadores e professores do 1.º ciclo.

A partir de certa altura considerou-se pertinente agrupar os sócios em núcleos regionais, devido ao seu crescimento. Estes núcleos são organizados e dinamizados por uma equipa de Coordenação Pedagógica. Estas coordenações compõem o Conselho de Coordenação Pedagógica que tem sede em Lisboa na qual periodicamente se reúnem para averiguar como os núcleos regionais estão a trabalhar.

Estes núcleos têm a função de dinamizar encontros de reflexão e partilha de práticas educativas, como é próprio da sua filosofia e estatutos, para sócios e não sócios através da realização de encontros mensais, os *Sábados Pedagógicos*. Para além disso têm a finalidade de organizar oficinas de formação para não sócios e outras modalidades de autoformação cooperada para os professores associados, como os *Projectos de Aprofundamento* e os *Grupos Cooperativos*.

Sérgio Niza é uma figura importante na história do MEM. Membro fundador, é hoje sem dúvida o líder natural do Movimento. Com a sua entrada para o Centro Helen Keller começaram a realizar-se encontros de professores com objectivos e orientações bem mais definidas. O Movimento começava então a desenhar-se de forma mais concreta. Em conjunto com outros professores, considerados os *históricos* do MEM, como Rosalina Gomes de Almeida, Clara Felgueiras, Manuela Castro Neves, Odete Xarepe, Francisco Marcelino, Ivone Niza entre outros, criou um grupo que vive uma empatia a nível de ideias e convicções, numa forma diferente de trabalhar com os alunos. Esta abordagem contagia e apaixona outros profissionais alicerçada num envolvimento de ideias semelhantes, que envolve tanto a vida profissional como a vida pessoal dos seus participantes, num conjunto de valores e sintonia a nível das filosofias educativas; falam a mesma língua. Esta pedagogia procura incessantemente, numa tarefa sempre inacabada, a construção da democracia, a procura da liberdade e a difusão a cultura numa metodologia com a qual os docentes que a exercem se identificam, problematizam e questionam avidamente. As pessoas sentem-se livres para partilhar os seus sucessos, mas também as suas angústias e problemas, sendo apoiadas no grupo pelos colegas o que lhes confere coesão e segurança.

II Princípios Metodológicos

Como já apontámos no capítulo anterior falamos de uma *pedagogia progressista*, que tem como base as práticas e ideologias educativas de Freinet.

O Movimento da Escola Moderna, fundado no ano de 1966, é uma metodologia pedagógica que se apresenta como sendo um modelo sociocêntrico de educação, acelerador do desenvolvimento moral e social das crianças.

Assume-se como um projecto democrático de auto-formação cooperada de docentes, no qual existe uma partilha permanente e reflexão sobre as suas práticas pedagógicas, nomeadamente, sobre os seus instrumentos de trabalho, as suas técnicas e também sobre os materiais pedagógicos que vão sendo construídos. Existe portanto uma contínua discussão e avaliação sobre o que se faz e como se faz, o que nos mostra que nada é estático, pelo contrário, está sempre em permanente problematização e é passível de ser reformulado.

A gestão do currículo e o poder na sala de actividades são partilhados, entre o adulto e as crianças, numa dinâmica constante de diálogo negociado em que todos os elementos do grupo podem participar activamente num exercício constante de democracia. Sublinhando esta premissa as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE)² enunciam que “a participação da criança e do grupo no processo educativo através de oportunidades de cooperação, decisão em comum de regras (...) e distribuição de tarefas (...) constituem experiências de vida democrática.” As regras e normas de conduta criadas para a sala ganham mais sentido se todo o grupo participar na sua elaboração. As tarefas necessárias à manutenção da sala também se tornam mais válidas se forem divididas entre todos.

² Obra citada, pg. 36.

A pedagogia que o MEM tem desenvolvido privilegia as abordagens globais e naturais e as estratégias de descoberta (formulação de problemas e elaboração de projectos) e de incentivo à criatividade. A partilha entre os profissionais, dentro das salas de aulas, entre o professor e os alunos e entre estes e outros intervenientes é um dos pilares fundamentais da metodologia.

Dentro desta filosofia educativa o currículo vai sendo construído progressivamente, ao longo do ano, oferecendo uma dinâmica específica às práticas quotidianas nas salas de actividades.

A cultura está em constante produção sendo que difere de escola para escola pois tem a ver com as crenças, valores e pressupostos do grupo que o vive. No entanto este modelo pedagógico tem uma cultura que o define, o seu conteúdo ou estrutura pedagógica, que está também em permanente construção baseada em valores democráticos.

Sérgio Niza³ aponta as seguintes finalidades educativas:

- a iniciação às práticas democráticas
- a reconstrução (recriação) da cultura
- a reinstituição dos valores e das significações

A educação centra-se no trabalho do aluno e na construção dos saberes que cada um realiza, em colaboração com os seus pares.

De forma a garantir a qualidade pedagógica é necessário construir modos de organização e de acção na sala de aula, que não se cingem a receitas ou técnicas a serem aplicadas cegamente mas assentam na construção de uma estratégia que oriente o professor na sua busca por respostas pertinentes para situações educativas reais, que permitam a que todos os alunos progridam na sua aprendizagem, construção e apropriação do saber.

Para que isto seja possível o professor deve criar situações de trabalho de grande grupo, de pequenos grupos e individual. Através desta estratégia os

³ *In Em comum assumimos uma educação democrática.* Obra citada.

alunos aprendem em cooperação, ajudando-se mutuamente em interacção, e o professor pode apoiar de forma individual o aluno com mais dificuldades. Este ponto é importante dentro da pedagogia: apoiar cada aluno respeitando as suas diferenças individuais. Todos os alunos têm lugar numa prática verdadeiramente integradora, na qual qualquer necessidade educativa específica é atendida, para que todos os alunos possam ter sucesso numa escola sem exclusões e sem competição, pelo contrário, construindo a cooperação.

No que concerne à Educação Pré-Escolar e, segundo Sérgio Niza, “o sistema desenvolve-se a partir de um conjunto de seis áreas básicas de actividades distribuídas à volta da sala (conhecidas também por oficinas ou “ateliers” na tradição de Freinet) e de uma área central polivalente, para trabalho colectivo.”⁴ É evidente que as áreas, no que respeita ao número e designação, têm que se adequar às idades e especificidade de cada grupo de crianças.

Como síntese apresentamos os doze princípios educativos do MEM, os Princípios Estratégicos da Intervenção Educativa, de auto-formação cooperada do Movimento:

1. A acção educativa centra-se no trabalho diferenciado de aprendizagem dos alunos e não no ensino simultâneo dos professores.
2. O desenvolvimento das competências cognitivas e sócio-afectivas passa sempre pela acção e pela experiência, efectiva, dos alunos, organizados em estruturas de cooperação educativa.
3. O conhecimento constrói-se pela consciência do percurso da sua própria construção: os alunos caminham dos processos de produção integrados nos projectos de estudo de investigação ou de intervenção,

⁴ In *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Obra citada.

para a compreensão dos conceitos e das suas relações.

4. Os alunos partem do estudo, da experiência e da acção nos projectos em que se envolvem para a sua comunicação. A necessidade de comunicar o processo e os resultados de um projecto dá sentido social imediato às aprendizagens e confere-lhes uma tensão organizadora que ajuda a estruturar o conhecimento.
5. A organização contratada da acção educativa evolui por acordos negociados pelas partes. A gestão dos conteúdos programáticos, a organização dos meios didácticos, dos tempos e dos espaços faz-se em cooperação formativa reguladora.
6. A realização de trabalho escolar fora da sala de aula apenas decorrerá do PIT⁵ autoproposto, como complemento de actividades de pesquisa documental, inquérito, leitura de livros ou produção de textos.
7. A organização de um sistema de pilotagem do trabalho diferenciado dos alunos, em estruturas de cooperação, assenta num conjunto de mapas de registo. O sistema de pilotagem sustenta o planeamento e a avaliação cooperada das aprendizagens e da vida social da turma.
8. A prática democrática da organização, partilhada por todos, institui-se em conselho de cooperação educativa. O conselho com o apoio cooperante do professor é a instituição formal de regulação social da vida escolar.
9. Os processos de trabalho escolar devem reproduzir os processos sociais autênticos da construção da cultura nas ciências, nas artes e na vida quotidiana: as estratégias de aprendizagem orientam-se pelas estratégias metodológicas próprias de cada área científica, tecnológica ou artística e não por transposições didácticas.
10. Os saberes e as produções culturais dos alunos partilham-se através de

⁵ Plano Individual de Trabalho. Transposto para o Pré-Escolar equivale ao Mapa de Actividades, através do qual as crianças planificam as próprias actividades.

circuitos sistemáticos de comunicação como validação do trabalho de produção e de aprendizagem.

11. A cooperação e a inter-ajuda dos alunos na construção das aprendizagens dão sentido social e moral ao desenvolvimento curricular.
12. Os alunos intervêm no meio, interpelando a comunidade e integram na aula “actores” da comunidade educativa, como fontes de conhecimento dos seus projectos de estudo e investigação

O MEM é portanto uma pedagogia que progride em constante construção e reconstrução das suas estratégias, de modo a orientar o professor a encontrar respostas pertinentes às diferentes situações educativas com propostas educativas mais humanas.

III Caracterização da Instituição

Desde 1999, ano no qual terminámos a formação inicial em Educação de Infância, iniciámos a prática pedagógica numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), situada no centro da cidade de Coimbra. É uma associação criada em 1997 por um grupo de pessoas que tinha o seu posto de trabalho na área geográfica da sua freguesia. No entanto só entrou em funcionamento como IPSS em 1999, tendo assumido a gestão de um Infantário já existente. Posteriormente criou a valência de ATL e, em 2002, a valência de Creche, tendo para isso alugado outro edifício nas proximidades.

Devido ao facto de, em Julho de 2007, a valência de ATL ter sido desactivada, a Instituição possui hoje duas valências em funcionamento: a Creche e o Jardim de Infância e compreende dois imóveis.

3.1. Organização e Dinâmica da Instituição

Este parâmetro desdobra-se em duas variáveis distintas mas indissociáveis: o espaço e o tempo.

Para uma melhor clarificação da organização actual da Instituição vamos tratar estes dois pontos separadamente, relativamente aos grupos de crianças que existem actualmente.

3.1.1. Organização do Espaço

A organização do espaço tem sofrido múltiplas alterações ao longo tempo, de forma a otimizar as capacidades dos recursos imóveis existentes e adaptá-los às mudanças das necessidades dos nossos utentes.

Deste modo temos hoje em funcionamento, no edifício sede, um sala de entrada, a secretaria, a cozinha, uma sala de Jardim de Infância, duas casas de

banho para crianças, uma casa de banho de adultos, um refeitório de crianças e outro de adultos, um dormitório, um vestiário, uma sala de isolamento, os serviços de lavandaria e quatro despensas para arrumação de equipamento e material diverso.

No segundo edifício, distribuído por dois pisos, situam-se cinco salas de Creche (berçário, duas salas de 1 ano, duas salas dos 2 anos), duas salas de Jardim de Infância, dois refeitórios para crianças, uma copa comum, uma copa de leites, um dormitório, cinco casas de banho para crianças, três casas de banho para adultos, um vestiário, duas salas de educadoras/atendimento de pais, uma sala polivalente e duas despensas.

Ambas as instalações possuem espaço exterior e estão conforme as áreas exigidas.

A população que a Instituição serve é hoje de cerca de 130 crianças distribuídas da seguinte forma:

- a Creche tem capacidade para cerca de 54 crianças entre os 4 e os 36 meses de idade:

~ Berçário: até 9 crianças

~ Salas de 1 ano: até 20 crianças

~ Salas dos 2 anos: até 25 crianças

- o Jardim de Infância tem capacidade para 75 crianças entre os 3 e os 5 anos de idade.

O equipamento e os materiais estão de acordo com os parâmetros e as normas de segurança referidas na legislação afecta ao tipo de actividade que a Instituição exerce, e são adequados às necessidades e especificidades das diferentes faixas-etárias que constituem a nossa população-utente.

3.1.2. Organização do Tempo

No que respeita à organização do tempo existem diferenças conforme a

especificidade e as necessidades das crianças que existem nas duas valências da Instituição. No entanto, esta abre as suas portas às 8.00h e fecha às 19.00h para todos os grupos etários.

A organização do tempo para o pessoal está coordenada e adequada conforme as rotinas das crianças existentes, para que as duas valências em exercício possam funcionar com harmonia e eficiência.

3.1.3. Interação com as Famílias e a Comunidade

A Instituição serve essencialmente famílias que residem e trabalham na área geográfica da Instituição.

No que respeita à relação entre a Instituição e as famílias, esta processa-se em qualquer momento e com elevada frequência.

As responsáveis das salas têm um horário de atendimento semanal para atender os Encarregados de Educação. Nessas sessões analisa-se o Portfolio individual da criança e discutem-se em conjunto problemas, ansias e preocupações que possam existir, com vista ao bem-estar das crianças, de modo a contribuir para o seu bom e harmonioso desenvolvimento.

Para além disso as famílias são convidadas a participar activamente na vida da sala, como a metodologia adoptada prevê, através de visitas que poderão efectuar para nos ensinar cantigas, danças, tradições que conheçam, fazer um bolo, contar uma história, falar sobre a sua profissão e tudo o que mais quiserem ou souberem.

De qualquer forma os pais, de manhã ou ao fim da tarde, quando trazem e levam os seus filhos, conversam informalmente com as educadoras e auxiliares mantendo, portanto, um contacto constante.

Para além do descrito a Equipa Educativa, constituída por uma Directora Pedagógica e também Educadora de Infância com grupo e mais quatro Educadoras, concede elevado relevo à divulgação do trabalho realizado nas

salas de actividades. Este é constantemente difundido junto da comunidade educativa e das famílias, tanto nas paredes das salas de actividades como nas paredes dos corredores e espaços comuns e nas escadas dos cabides que dão acesso à porta de entrada.

Pensamos que é extremamente importante expor as produções realizadas no Tempo de Trabalho Autónomo, no Tempo de Trabalho Curricular participado pelo Grupo/Animação Cultural e noutras iniciativas, em diferentes suportes, quer sejam elaboradas individualmente, em pequenos grupos ou em grande grupo. Para além disso também são expostos os Projectos executados pois temos a convicção que é desta forma que as aprendizagens ganham valor e sentido cultural e social, o que acontece através do ensino e partilha do nosso trabalho com os outros, fora dos nossos grupos de crianças.

Desta forma, para além de estreitar os nossos laços, enquanto Equipa Educativa com as famílias, a divulgação das nossas produções contribui para a valorização e auto-estima de cada criança, e dá sentido às suas aprendizagens mostrando-lhe que o que ela faz é interessante e importante.

Existe pois uma estreita colaboração e partilha com as famílias, abrindo caminho a que estas possam dar opiniões e sugestões, bem como fazer críticas e comentários sobre o que podem observar do exposto regularmente, o que espelha as vivências do grupo. Pensamos pois que só deste modo se pode criar verdadeiramente, e não somente de forma teórica ou ilusória, um real e profícuo ambiente de aprendizagem que envolve as crianças, as suas famílias, a restante comunidade educativa da Instituição e outros intervenientes da comunidade. Como apontam as OCEPE ⁶ a criança “em desenvolvimento interage com diferentes sistemas” numa perspectiva sistémica e ecológica. Bronfenbrenner⁷ defende esta teoria quando aborda o *modelo bioecológico* no

⁶ Obra citada, pg. 32.

⁷ In *A ecologia do desenvolvimento humano*. Obra citada.

qual o contexto afectivo que rodeia a criança e as suas relações interpessoais afectam directamente o seu desenvolvimento. A escola, a família e o contexto educativo são portanto determinantes para a criança. A relação que se estabelece entre estes microsistemas, como aponta o autor, forma um macrosistema em conjunto com o meio que envolve a criança e o conjunto de crenças e valores a ele inerente, portanto a cultura.

No que concerne à relação com o meio envolvente, as crianças da Instituição deslocam-se a pé ou de autocarro sempre que oportuno, segundo as exigências do Projecto Educativo e dos Projectos Curriculares dos Grupos, delineados para cada ano lectivo, bem para assistir a outros eventos que possam surgir e que consideremos interessantes.

No nosso entender as saídas ao exterior são extremamente importantes, seja na área urbana da cidade, seja ao meio rural ou a outros pontos do país, pois potenciam muitíssimas situações de aprendizagem nas quais a criança contacta com o meio ambiente natural ou construído. Aí ela vê, ouve, toca e experimenta situações novas e diferentes, enriquecendo os seus múltiplos conhecimentos, o que a ajuda a compreender melhor o mundo que a rodeia.

3.1.4. Metodologia de Avaliação

As formas de avaliação que são utilizadas na Instituição decorrem da metodologia que serve de base ao trabalho realizado na Creche e no Jardim de Infância.

Certos de que a Educação Pré-Escolar não se deve centrar na preparação para a escolaridade obrigatória pensamos que o trabalho desenvolvido desde a Creche, deve despertar nas crianças a curiosidade e o desejo de aprender.

De forma a poder proporcioná-lo temos na sala instrumentos de trabalho que permitem às crianças participar na sua própria avaliação e na avaliação de todo o trabalho que se realiza na vida do grupo (avaliação dos

comportamentos, das tarefas, das actividades e projectos).

Como defendem as OCEPE⁸ “a avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador.” Tal como enuncia este parágrafo também defendemos que a avaliação deve ser feita com as crianças pois desta forma podem ter verdadeira participação em todo o processo que serve de base ao planeamento.

Essa avaliação é feita diária e semanalmente, à sexta-feira, nas reuniões de Conselho a partir do Diário de Grupo, nas quais se avalia toda a semana, o que se fez e não se fez, o que cada criança gostou mais e também as atitudes e comportamentos. A avaliação do sucesso ou insucesso e do decorrer das actividades realizadas são a base do planeamento de novas actividades.

Os instrumentos de registo utilizados com as crianças permitem, também, que a educadora faça “leituras” mais aprofundadas, sempre que necessite, reconhecendo assim o sentido das experiências proporcionadas e se estas estimularam o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Para cada criança é organizado um dossier (Portfolio), disposto por categorias que decorrem das Áreas de Conteúdo, com a recolha dos trabalhos mais significativos realizados nas diferentes Áreas da sala e que correspondem a um avanço na aprendizagem da criança num dado domínio. Do Portfolio individual também faz parte a Ficha de Diagnóstico da Criança, o Registo de Incidentes de Doença e os Registos de Ocorrências Significativas, que permitem assinalar comportamentos e progressos espontâneos da criança.

Esse Portfolio deverá ser, tanto quanto possível, o retrato fiel da evolução de cada criança.

Sempre que consideramos oportuno realizam-se pequenas reuniões individuais com os Encarregados de Educação, nas quais podemos apreciar o Portfolio da criança e conversar sobre a sua avaliação.

⁸ Obra citada, pg.27.

No final de cada ano lectivo é dado aos pais um relatório de avaliação que descreve todo o percurso da criança, nas diferentes áreas conceptuais, baseado nas informações contidas no Portfolio.

IV A Sala dos 4 Anos – Sala do Bibe Vermelho

Neste momento iremos caracterizar de forma breve a nossa prática pedagógica, no ano 2010/2011, de modo a contextualizar a organização do tempo, tema fulcral da presente dissertação.

4.1. Objectivos da *Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar*

Parece-nos importante, neste momento, explicitar os Objectivos da *Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar* pois presidem à organização e fundamento das nossas práticas pedagógicas e são a base que contextualiza os nossos modos e estratégias de trabalho.

A *Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar*⁹ estabelece como Princípio Geral que a Educação Pré-Escolar “é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”.

Deste Princípio decorrem os objectivos gerais pedagógicos definidos para a Educação Pré-Escolar:

- promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;
- contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para

⁹ In *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Obra citada, pg. 15 e 16.

- o sucesso da aprendizagem;
- estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;
 - desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do Mundo;
 - despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
 - proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;
 - proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;
 - incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.

4.2. Objectivos e competências para o Grupos dos 4 Anos

Seguidamente apresentamos, de forma resumida, os objectivos delineados para o ano lectivo 2010/2011 que se encontram na íntegra no Projecto Curricular de Grupo.

É evidente que são apenas parâmetros que pensamos que são importantes atingir nesta faixa-etária porém, e uma vez, que temos uma criança de três anos e uma de cinco anos e que as crianças mesmo que tenham a mesma idade têm níveis de desenvolvimento muito discrepantes, estes objectivos são apenas *balizas* ou metas que serviram de orientação às planificações que efectuámos. Como é evidente, algumas crianças alcançaram-nos, outras não e outras ainda os superaram. No relatório de avaliação que produzimos no final de cada ano lectivo, é feita uma descrição dos objectivos que cada criança alcançou e das competências que adquiriu.

Subsequentes aos objectivos e de modo a operacionalizá-los apresentamos algumas competências que nos parecem pertinentes que as crianças adquiram, imprescindíveis, na nossa opinião, para um desenvolvimento adequado para a sua idade, tendo por base as Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar¹⁰. A criança adquire uma competência, o que significa dizer que é competente em determinado assunto, quando no final do ano lectivo for capaz de realizar uma certa tarefa ou tiver apreendido determinados conhecimentos.

Verificamos que a criança atingiu determinada competência quando, no decorrer das suas actividades de escolha livre no seu Tempo de Trabalho Autónomo, demonstra através da sua atitude e/ou oralidade que detém determinado conhecimento, que aprendeu determinado conceito.

Área de Formação Pessoal e Social

- Objectivo 1: Promover o respeito e valorização das normas de convivência em grupo aceitando as diferenças de cada um

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- respeitar as diferenças individuais de cada colega
- respeitar o colega quando fala em grupo
- conceber e aceitar as regras de convivência do grupo
- ter atitudes de apoio e ajuda com os colegas no decorrer das actividades

- Objectivo 2: Incentivar a autonomia na aquisição de hábitos básicos de higiene, alimentação e cuidados com o vestuário

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- lavar as mãos sem ajuda de forma correcta

¹⁰ Obra citada.

- lavar as mãos depois de ir à casa de banho
- utilizar o garfo e a faca de forma correcta
- despir-se e vestir-se sozinha quando vai à casa de banho
- Objectivo 3: Desenvolver o gosto por participar activamente no grupo, fazer críticas, manifestar preferências e dar sugestões

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- falar frequentemente em conversas de grande grupo
- levantar o dedo para intervir e esperar para falar
- propor ideias em conversas de grupo
- criticar e discutir assuntos do seu quotidiano
- fazer comentários que manifestem coisas que gosta e que não gosta

Área de Expressão e Comunicação

Expressão Motora (movimentos corporais, dança, manipulação, jogo)

- Objectivo 1: Estimular a coordenação motora global do corpo mediante o espaço e o tempo

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- indicar e nomear os membros do seu corpo
- movimentar as partes do corpo de acordo com o espaço e o ritmo indicados
- Objectivo 2: Fomentar o desenvolvimento de movimentos locomotores e não locomotores básicos e progressivamente mais complexos

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- efectuar vários movimentos de locomoção como: andar, correr, saltar de várias formas, andar nas pontas dos pés, calcanhares, rastejar,

rebolar, etc. de forma coordenada

- efectuar movimentos não locomotores como: alongar, encolher, puxar, empurrar, torcer, etc. de forma coordenada

- Objectivo 3: Incentivar ao recurso do movimento corporal em variadas situações e mediante vários estímulos

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- mimar a forma de locomoção de animais
- expressar emoções através do movimento
- criar situações e acções com o recurso ao movimento como: acções do dia-a-dia, uma viagem, andar de um transporte, etc.
- movimentar o corpo de forma livre seguindo o ritmo de uma música
- participar em coreografias de dança em grupo acompanhando os movimentos

Expressão Dramática

- Objectivo 1: Fomentar a participação da criança em jogos de faz de conta

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- se envolver em jogos na área do Faz de Conta ou fora dela representando papéis sociais do seu quotidiano com outras crianças
 - inventar personagens e situações novos no faz de conta por iniciativa sua ou por estímulo com expressividade
- Objectivo 2: Incentivar à participação da criança em dramatizações em que ela é a personagem mas também com fantoches, sombras ou outras formas animadas

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- representar personagens de um história através de movimentos corporais ou dança, expressando as emoções e vivências da personagem animada ou inanimada
- representar personagens de um história memorizando algum texto
- Objectivo 3: Estimular a criança a utilizar o espaço e os materiais como espaço cénico

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- ajudar a preparar o espaço e os materiais de modo a montar um cenário face à representação que deseja efectuar

Expressão Plástica

- Objectivo 1: Estimular a representação de imagens, histórias, vivências e ideias através da expressão plástica

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- desenhar, criar construções a 2 e 3 dimensões, pintar com vários materiais
- registar através do desenho passeios, visitas e acontecimentos vivenciados por ela
- Objectivo 2: Proporcionar o contacto com diferentes formas de arte como a pintura, a fotografia, a escultura através da visita de museus, exposições ou com mostra de obras de arte na sala

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- apreciar e comentar obras de arte de vários pintores, escultores...
- representar um obra de arte que esteja à sua vista através do desenho,

pintura ou escultura

- Objectivo 3: Estimular a criança à utilização de materiais diversificados e de desperdício usando a sua criatividade

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- pôr em prática os seus projectos utilizando técnicas de pintura, recorte, colagem etc. utilizando vários materiais e dando largas à sua imaginação com vista à criação de um produto final que possa ser comunicado

Expressão Musical

- Objectivo 1: Estimular a criança a interpretar canções várias com gosto

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- memorizar canções e reproduzi-las no ritmo e tom indicado

- Objectivo 2: Desenvolver na criança a capacidade de identificar a altura, a intensidade e o ritmo do som

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- em exercícios propostos discriminar se o som que ouve é grave ou agudo, forte ou fraco e se tem um ritmo lento ou rápido

- Objectivo 3: Proporcionar situações de acompanhamento de melodias com diferentes ritmos com o corpo como meio de percussão ou com instrumentos

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- usar o seu corpo para bater ritmos em métrica binária e ternária e ser capaz de os acompanhar

- usar instrumentos de percussão para acompanhar uma dada melodia ao ritmo certo

Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita e à Leitura

- Objectivo 1: Estimular a aquisição de vocabulário adequado à idade

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- participar em conversas demonstrando destreza de vocabulário
- usar o vocabulário que conhece de forma adequada em discussões sobre temas do seu conhecimento

- Objectivo 2: Favorecer a utilização da linguagem oral para descrever e evocar objectos, acontecimentos e situações distintas e exprimir sentimentos, desejos, ideias e necessidades

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- narrar experiências reais passadas consigo própria
- exprimir os seus desejos e necessidades de forma compreensível e com sentido
- dar opiniões, sugestões e fazer perguntas de forma clara
- recontar uma história conhecida com encadeamento e sequência apropriadas

- Objectivo 3: Fomentar o reconhecimento por parte da criança de letras e palavras escritas

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- distinguir letras de números
- reconhecer letras e palavras soltas do seu quotidiano
- nomear as letras maiúsculas

- reconhecer o nome dos colegas quando escrito em vários locais e suportes

Domínio da Matemática

- Objectivo 1: Estimular a capacidade de classificação, seriação e ordenação de objectos

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- fazer séries de objectos
- classificar objectos segundo vários atributos
- colocar objectos segundo uma ordem lógica e segundo um dado critério

- Objectivo 2: Fomentar o reconhecimento de números e a sua contagem

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- reconhecer números associando-os ao número de objectos de um conjunto
- contar objectos, figuras e efectuar contagens em situações oportunas
- utilizar os números ordinais para designar, por ex., uma fila de colegas

- Objectivo 3: Incentivar à utilização de quantificadores: muitos, poucos; mais, menos; maior, menor

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- usar os termos quantificadores para situações de comparação entre números ou conjuntos

Área de Conhecimento do Mundo

- Objectivo 1: Dar a conhecer o planeta Terra em diferentes formas de representação

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- identificar o planeta Terra na forma do globo terrestre, no mapa-mundo ou em livros e imagens

- Objectivo 2: Desenvolver o sentido do tempo em várias modalidades
- ### Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- distinguir o dia da noite
- ter a noção de semana e saber os nomes dos seus dias, ainda que não por ordem
- nomear as estações do ano
- dizer o nome dos meses do ano, ainda que não por ordem

- Objectivo 3: Fomentar o conhecimento de elementos do meio ambiente natural e do meio social

Competências

A criança no final do ano lectivo deve ser capaz de:

- identificar linhas de água, estados do tempo, rochas, plantas, ...
- identificar construções, tipos de habitações, meios de comunicação, profissões, ...

4.3. Organização do Tempo

O grupo dos Bibes Vermelhos ocupa a mesma sala de Jardim de Infância na sede da Instituição desde os 2/3 anos, portanto do ano transacto. O grupo dispõe de casa de banho para crianças dentro da sala e de espaço exterior.

Para além disso o grupo utiliza a sala de entrada, para acolhimento entre as 8.00h e as 9.30h e, no final da tarde, e o refeitório para as suas refeições. Usufrii ainda do salão polivalente para a realização de sessões de Expressão Motora semanais e outras actividades, em conjunto com os outros grupos da Instituição.

A sala de actividades está dividida em sete Áreas distintas, conforme a metodologia do Movimento da Escola Moderna:

- Área da Reunião
- Área da Matemática
- Área da Escrita
- Área das Ciências
- Área da Expressão Plástica
- Área da Biblioteca
- Área do Faz de Conta

As áreas estão dispostas de forma a que aquelas que necessitam de mais silêncio e envolvem tarefas que exigem maior concentração e luz estejam juntas. As que oferecem possibilidade de maior mobilidade e actividades mais barulhentas e descontraídas estão do mesmo modo próximas umas das outras, como a Área do Faz de Conta, que está perto da porta da sala. A mesa grande pertence à Área da Expressão Plástica e também é à volta dela que o grupo se reúne no Conselho da Manhã, nas Comunicações e nas Reuniões de Conselho de sexta-feira.

Baseando-nos no apontado pelas OCEPE ¹¹ a organização do ambiente educativo é determinante para a criação de um contexto no qual as crianças possam realizar aprendizagens significativas. Neste sentido pensamos que esta organização do espaço responde a esta finalidade de modo extremamente evidente, em cada área da sala as crianças podem envolver-se em situações de

¹¹ Obra citada, pg. 31.

aprendizagem que a estimulam verdadeiramente no seu raciocínio e a impulsionam na progressão do seu desenvolvimento.

A organização do Tempo foi discutida entre todos em Setembro e afixada na nossa Agenda Semanal da seguinte forma:

Quadro 1: Agenda Semanal

Horas	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
8:00	Abertura	Abertura	Abertura	Abertura	Abertura
9:30	Acolhimento em Conselho	Acolhimento em Conselho	Acolhimento em Conselho	Acolhimento em Conselho	Acolhimento em Conselho
	Tempo de Trabalho Curricular	Tempo de Trabalho Autónimo/ Trabalho em Projectos	Tempo de Trabalho Autónimo/ Trabalho em Projectos	Tempo de Trabalho Autónimo/ Trabalho em Projectos	Tempo de Trabalho Autónimo/ Trabalho em Projectos
	comparticipado pelo grupo/animação cultural	Comunicações	Comunicações	Comunicações	Comunicações
	Expressão Motora				
12:00	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14:00	Tempo de Trabalho Autónimo/ Trabalho em Projectos	Tempo de Trabalho Curricular	Tempo de Trabalho Curricular	Tempo de Trabalho Curricular	Tempo de Trabalho Curricular
	comparticipado pelo grupo/animação cultural	comparticipado pelo grupo/animação cultural	comparticipado pelo grupo/animação cultural	comparticipado pelo grupo/animação cultural	comparticipado pelo grupo/animação cultural
	Comunicações	Visitas, Saídas e Surpresas	Expressão Musical	Histórias e Dramatizações	Reunião de Conselho

16:00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
	Actividades	Actividades	Actividades	Actividades	Actividades
	Livres	Livres	Livres	Livres	Livres

O tempo é dividido entre: *Tempo de Acolhimento*, *Tempo de Trabalho Curricular participado pelo Grupo/Animação Cultural*, *Tempo de Trabalho Autónomo/Trabalho em Projectos* e *Tempo das Comunicações*.

Esta divisão do tempo está em perfeita consonância com o apontado pelas OCEPE¹² quando defende que “o tempo educativo contempla (...) diversos ritmos e tipos de actividade”, ou seja, tem várias vertentes que devem ter uma estrutura que seja previsível, de modo a que as crianças saibam o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão. As referências temporais, que se repetem durante a semana, são securizantes para a criança, sabendo de antemão que pode sugerir a qualquer momento alterações.

No Tempo de Acolhimento organiza-se o dia segundo os instrumentos de pilotagem da acção educativa próprios desta metodologia de trabalho: o *Mapa de Presenças*, o *Mapa do Tempo*, o *Mapa das Tarefas*, o *Diário de Grupo*, o *Mapa das Idades*, os *Inventários*, o *Quero Mostrar, Contar e Escrever*, a *Lista de Projectos* e o *Mapa de Actividades*.

Pensamos que a utilização destes instrumentos tem inúmeras vantagens medidas pelas várias aquisições que permitem: a nível da linguagem, da matemática, da aprendizagem de noções temporais, entre outras. As OCEPE¹³ reforçam estas crenças apontando que estes instrumentos podem “facilitar a organização e a tomada de consciência de pertença a um grupo e, ainda, a atenção e o respeito pelo outro.”

Organizadas em pares as crianças, lideradas pelos Presidentes com o apoio atento do adulto, organizam o dia: marcam as presenças, vêm no Diário o que

¹² Obra citada, pg. 40.

¹³ Obra citada, pg. 36.

há para fazer, realizam as tarefas que mudam de responsáveis semanalmente, vêm qual é a data, colocam o estado do tempo, inscrevem-se no *Quero Mostrar, Contar e Escrever* para mostrarem alguma coisa ou falarem do que quiserem e planificam as actividades que pretendem realizar ao longo do dia no *Mapa de Actividades*. Consideramos extremamente relevante que as crianças tenham possibilidade de trabalho em pares ou em pequenos grupos, pois nestas situações ¹⁴têm oportunidade de confrontar os seus pontos de vista e de colaborar na resolução de problemas ou dificuldades colocadas por uma tarefa comum.”

Quando alguém faz anos muda a sua fotografia no Mapa das Idades para a coluna da idade que lhe corresponde. Na *Lista de Projectos* verificam quais os projectos que estão agendados e apontam algum que surja do seu interesse intrínseco. Estas tarefas e instrumentos são um auxiliar imprescindível para que a partilha de poder realmente se efectue dentro da sala, tornando-se o adulto num parceiro educativo das crianças. Todos juntos organizam, decidem, planificam, discutem e avaliam todas as actividades e assuntos que acontecem na sala ou fora dela, isto é, na vida do grupo. Esta organização responsabiliza as crianças, motiva-as intrinsecamente, pois responde aos seus reais interesses, dá-lhes autonomia, fá-las crescer e movimentar-se com segurança e desenvoltura no dia-a-dia do grupo.

O *Tempo de Trabalho Curricular participado pelo Grupo/Animação Cultural* é planificado por todos no início do ano lectivo na Agenda Semanal e destina-se à realização de actividades em torno das Expressões (plástica, dramática, motora e musical), da Abordagem à Escrita e Leitura, da Emergência da Matemática, de saídas ao exterior, de visitas da família à sala e, à sexta-feira, da *Reunião de Conselho* na qual o grupo avalia o trabalho desenvolvido durante essa semana, analisa o *Diário de Grupo*, resolve possíveis conflitos e planifica o trabalho para a semana seguinte. Tudo é

¹⁴ In *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Obra citada, pg. 35.

negociado e decidido em Conselho, composto pelo adulto e pelas crianças da sala, de modo a estarem todos verdadeiramente envolvidos e empenhados na dinâmica que se estabelece no grupo.

Dentro desta metodologia as crianças têm total autonomia para escolher quais as actividades que querem realizar no período de *Tempo de Trabalho Autónomo*. Estas têm, ao seu dispor, um leque variado de ofertas de exploração dos materiais e ficheiros para a sua utilização, com a supervisão do adulto podendo, deste modo, efectuar escolhas mais conscientes e espontâneas e realizar mais facilmente aprendizagens compensadoras a nível de sucesso do seu desempenho. O conhecimento dos materiais que existem nas áreas, através da construção dos *Inventários*, e das actividades que se podem realizar em cada área permite a autonomia e responsabilização do que é partilhado por todos os membros do grupo. Para além de podermos verificar esta realidade na sala de actividades também é apoiada pelas OCEPE¹⁵.

E porque cada criança vai fazer muitas aprendizagens irá, depois, comunicá-las ao grupo, no tempo destinado às *Comunicações* e mostrar aquilo que produziu, o que valoriza a sua auto-estima e o sentido de que “já sou capaz e o que eu faço é importante!”, sendo incentivado por todos. Deste modo as suas produções ganham um sentido socialmente aceite dentro de um circuito sistemático de comunicação, que inclui os colegas, outros pares, as famílias e a comunidade envolvente.

A organização do grupo prevê o trabalho em grande grupo, pequeno grupo, individualmente ou a pares, segundo os tempos que compõem a *Agenda Semanal*. O trabalho a pares é bastante incentivado o que possibilita à criança aprender ensinando e perceber que não trabalha em competição, mas em cooperação com o outro, numa lógica de inter-ajuda na qual esta só tem sucesso se o colega também tiver e se apoiar os seus pares a alcançá-lo.

No nosso entender esta forma de organização do espaço e do tempo

¹⁵ Obra citada.

potencializa um leque muito alargado de actividades e uma maior autonomia por parte da criança.

Neste sentido um dos nossos objectivos consistiu em que as nossas crianças pudessem realizar aprendizagens significativas e gratificantes, em todos os níveis do seu desenvolvimento, favorecidas pela organização do espaço e dos materiais.

Para potenciar estas aprendizagens, para além dos tempos de trabalho já referidos, podem existir *Projectos*, desenvolvidos em pequenos grupos, nos quais as crianças podem investigar sobre assuntos do seu interesse e curiosidade perante o real, pondo em prática o método científico. Estes projectos são comunicados aos colegas, outros pares, famílias ou à comunidade envolvente tornando-se instrumentos de construção da cultura.

V Os tempos no Movimento da Escola Moderna

Na pedagogia MEM tanto a organização do tempo como a organização do espaço são fulcrais para a criação de um ambiente favorecedor de situações de aprendizagem. A construção de um ambiente acolhedor também envolve a criação de laços afectivos significativos entre os adultos e a criança, que a façam sentir-se bem e em harmonia num espaço agradável, bonito e familiar.

Teresa Vasconcelos, na sua etnografia¹⁶, estudo de caso, sobre a prática de uma Educadora, sublinha esta importância de criar um espaço para que todos se sintam bem, um local acolhedor, como um lar que transmita bons sentimentos, de paz, tranquilidade, harmonia, beleza.

Os tempos da *Agenda Semanal* desenrolam-se no espaço da sala mas também no espaço exterior, nos restantes espaços da Instituição e noutros espaços da comunidade envolvente. O trabalho que se desenvolve no tempo é o que vamos dissecar no presente capítulo. Os Tempos que preenchem a organização do tempo.

Deste modo vamos centrar-nos na organização do tempo que realizámos na nossa sala de Jardim de Infância, no ano lectivo 2010/2011, pois é durante o mesmo que se desenrola toda a dinâmica característica do Movimento. A sua riqueza de situações de aprendizagem e troca de interacções é, sem dúvida para nós, como no princípio em que com ela tomámos o primeiro contacto, apaixonante. Como educadora que ainda está há poucos anos a trabalhar nesta metodologia, daremos o nosso humilde contributo sobre esta temática, ilustrando com situações da nossa prática os conteúdos dos Tempos que compõem a semana no nível Pré-Escolar no MEM.

¹⁶ *In Ao Redor da Mesa Grande*. Obra citada.

5.1. Acolhimento

Em Setembro organiza-se com as crianças a sala, a disposição das Áreas, os instrumentos de pilotagem da acção educativa, os *Inventários*, a *Agenda Semanal* e outros registos importantes de modo a criar bases sólidas para iniciar o nosso trabalho de modo efectivo.

Feitas estas actividades prévias começámos a pôr em prática os tempos que compõem a nossa Agenda Semanal.

O Tempo de Acolhimento é o primeiro tempo que vamos caracterizar seguidamente.

Ao chegarmos à sala todas as manhãs e, após cantarmos “Já chegaram os meninos, Bom Dia”, repetem-se algumas actividades que rapidamente se tornaram do conhecimento e domínio de todos os elementos do grupo.

Os presidentes gerem todo este tempo que consiste em chamar os elementos do grupo para colocar a sua presença, fazer a marcação no Mapa de Actividades, como planificação do *Tempo de Trabalho Autónomo* e dar a cumprir as tarefas constituintes do *Mapa das Tarefas*. Todos estes elementos

estão expostos nas paredes ao redor da mesa à volta da qual o grande grupo se reúne.

Os Presidentes chamam os colegas com recurso a folhas de cartolina com os nomes e fotografias de todos, de modo a que fosse simples para todas as crianças a realização desta tarefa. Enquanto um chama os colegas o outro dá as canetas para marcação nos mapas e colocação do tempo, o papel



Figura 1: O L. a desenhar uma bola verde no Mapa das Presenças

para levar o número de meninos que estão nesse dia na escola à cozinha, os

pares para pôr o dia e para dar comida à tartaruga. O importante é ajudarem-se mutuamente e partilharem as responsabilidades que lhes são atribuídas.

Não há nenhuma obrigação na divisão destas tarefas, cada par de Presidentes organiza-as como mais gosta, ou seja, são eles que gerem este período do dia de forma cada vez mais autónoma.

Com o decorrer do tempo verificámos que esta tarefa de Presidente foi um dos pontos de maior gosto e importância para as crianças, de modo geral, por ter o nome de Presidentes e por terem o poder de chamar os colegas e orientar as tarefas a realizar, o que elevou substancialmente a sua auto-estima e os fez sentir, pelo menos na sua semana, importantes e prestáveis membros do grupo com um cargo especial. Como os pares “sobem” na tabela as crianças têm a garantia que todos fazem todas as tarefas ciclicamente.

Algumas crianças contam os pares que faltam, ansiosamente, para saberem quando é a sua vez de serem presidentes, dizendo: *Está a chegar a minha vez!* ou *Estou quase a ser eu*. Só o próprio nome os faz sentir especiais.

No final da colocação das tarefas o grupo foca a sua atenção no quadro *Quero Mostrar, contar ou escrever* que é um instrumento que tem imensas potencialidades e se tornou extremamente importante para a vida do dia-a-dia do grupo.

Em primeiro lugar permite que cada criança se inscreva, escrevendo o seu nome no mapa, e fale do que quiser: notícias de casa, passeios que fez com a família ou até acontecimentos da sua vida quotidiana que a possam estar a preocupar, sem censuras ou pressões, sendo ouvida, respeitada e valorizada pelo grupo. Pensamos que estes momentos, para além de valorizarem a auto-estima da criança e o seu lugar no grupo como um elemento importante e respeitado, funcionaram, por vezes, como uma terapia na qual o grupo e nós,



Figura 2: Texto

Educadora, apoiámos os problemas ou experiências até menos agradáveis que a criança pudesse estar a atravessar. A partir daqui nós escrevemos a fala da criança, à sua frente e perante o grupo, no momento real em que ela está a falar e elaboramos textos que são seguidamente ilustrados.



Figura 3: A L. B. a mostrar os materiais que trouxe da consulta ao Dentista

Por outro lado, nestes momentos, as crianças também podem mostrar coisas que trazem de casa o que, geralmente, são em óptimas situações de aprendizagem para o grupo e a partir das quais também se fazem textos.

Para além disso podem também, a partir deste momento da manhã, ideias para realizar outras actividades e projectos.

Durante o ano as crianças trouxeram espontaneamente vários materiais que possibilitaram diversas situações de aprendizagem e a partir das coisas se fizeram registos, exposições e projectos. A J. trouxe frutos do Outono, a L. F. trouxe azevinho, a Mg. trouxe penas de pavão, a L. B. falou da ida ao dentista, o R. trouxe uma imagem de um ouriço-cacheiro, a Mg. trouxe conchas, o M. trouxe um vaso com amores-perfeitos, entre outros.



Figura 4: A Mg. A mostrar as conchas que apanhou na praia com a família

Os instrumentos de trabalho têm portanto um papel muito importante na

organização do tempo. Estes devem ser flexíveis e não devem surgir por imposição mas por necessidade de utilização do grupo. Funcionam como “andaimes”¹⁷ para que as crianças possam construir novos saberes e participem na organização, planificação e avaliação do trabalho desenvolvido. Para além disso permitem que as crianças adquiram um vasto leque de saberes sobre o tempo, os dias, os meses, entre outros.

5.2. Tempo de Trabalho Autónomo/Trabalho em Projecto

Este tempo desenrola-se nas áreas de trabalho da sala e é planificado pelas crianças no *Mapa de Actividades* de forma espontânea. Cada criança escolhe a área para onde quer ir realizar os seus próprios projectos individualmente ou em pequenos grupos.

No início do ano lectivo fazem-se os *Inventários* para sabermos o que há em cada área e o que podemos fazer com esses materiais. Estes instrumentos são elaborados pelas crianças em pequenos grupos e depois comunicados ao resto do grupo para que todos se apropriem desses conhecimentos. Depois em grande grupo decide-se o número de crianças que vão para cada área, ao mesmo tempo, de modo a evitar conflitos. Este número é ilustrado pelas crianças e colocado nas áreas respectivas.

Área do Faz de Conta

Segundo Eugénio Roda “Brincar é a mais divertida das coisas sérias”. Esta frase ouvimo-la num dos Sábados Pedagógicos que mensalmente ocorrem em

¹⁷ In *A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar*.
Obra citada.

Coimbra organizados pelo núcleo regional.

Pensamos que esta afirmação exprime de forma excepcional o que sucede na Área do Faz de Conta. É um espaço onde as crianças podem brincar, como o próprio nome indica, ao “faz de conta”, representando papéis sociais de pai, mãe, bebé, polícia ou o que quiserem, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal e social em jogo com os colegas e realizando a brincar imensas aprendizagens.

A Área do Faz de Conta está dotada de materiais diversificados¹⁸, desde os mais aos menos estruturados, de modo que possam possibilitar várias hipóteses lúdicas diferentes.

Geralmente tem mobílias de cozinha, quarto e sala mas pode não ter nenhuma destas peças usuais e previsíveis mas ser, por exemplo, um castelo, um barco pirata ou uma mercearia.

Pensamos que é importante também ter panos de vários tamanhos e comprimentos, peças de roupa e outros elementos que possam criar mais ocasiões de disfarce e jogo simbólico. As próprias famílias também podem ajudar e, trouxeram, no decorrer do ano alguns objectos: óculos de sol, uma gravata, carteiras.

Frequentemente deslocamo-nos a esta área para potenciar junto das crianças novas situações e dar ideias, de modo que o jogo de faz de conta possa ser cada vez mais complexo e pormenorizado. Deste modo pode-se suscitar o interesse intrínseco das crianças e aprendizagens múltiplas, inserindo-nos como mais um companheiro de jogo, seja a “comer à mesa”, a ajudar a preparar a cama para deitar o bebé ou a ajudar a criar algum disfarce.

¹⁸ Ver Lista de Materiais da Área do Faz de Conta em Apêndice 1.

Segundo Pentti Hakkarainen “A elaboração conjunta de um mundo de fantasia cria situações imaginárias desafiadoras, nas quais as crianças têm de tomar iniciativas, desempenhar papéis e resolver problemas complicados.”¹⁹



Figura 5: Estão bem disfarçados!

As crianças aprendem assim modos de conduta em grupo, a jogar em cooperação, a ajudar o colega e a relacionar-se com ele sem criar conflitos. Exploram laços afectivos, sentimentos, ideias, criam com imaginação e criatividade outras realidades. Transformam a cama em barco, o lava-loiça em banheira, o bengaleiro em fantocheiro, os bancos em tambores, enfim...um sem número de possibilidades novas todos os dias, nas quais a alegria e o divertimento são as palavras-chave.

Área da Escrita

Na Área da Escrita procede-se, em primeiro lugar, à elaboração do Inventário dos materiais existentes ²⁰e da sua afixação na mesma.

Neste local da sala existe uma estante com materiais que suscitam actividades em torno da escrita, desde jogos de composição imagem-palavra, a ficheiros de imagens com imagens reais com a palavra e a imagem, a nomes dos colegas, entre outros que se vão acrescentando, como carimbos com letras para as crianças usarem em folhas soltas, etc..

¹⁹ In *Redescobrir Vigotsky*. Obra citada, pg. 21.

²⁰ Ver Lista de Materiais da Área da Área da Escrita em Apêndice 2.



Figura 6: A L. F. a escrever no caderno de escrita

Cada criança tem o seu caderno no qual escreve os nomes dos colegas, palavras que copia das listas de palavras afixadas na área, dos ficheiros de palavras, ou de outros locais, sempre que quiser no seu Tempo de Trabalho Autónomo e de forma espontânea. Os textos

elaborados no Conselho da Manhã também são muitas vezes expostos no placard de parede desta área bem como outras produções aqui realizadas.

Realizam-se actividades de escolha espontânea no Mapa de Actividades muito interessantes nesta área. As crianças, de um modo geral, começam a apropriar-se do código escrito e a compreender a importância e funcionalidade da escrita, começando a fazer os seus esboços de escrita nos seus cadernos ou noutros suportes. Tal como apontam as OCEPE²¹ “ao fazer (...) referência à abordagem escrita pretende-se acentuar a importância de tirar partido do que a criança sabe, permitindo-lhe contactar com as diferentes funções do código escrito.”

As crianças gostam imenso de fazer textos e muitas copiam as suas frases. Muitas crianças escrevem o nome dos colegas sem os copiar e lêem a sua “mancha gráfica” escrita em qualquer lado, gostam de ler o abecedário escrito na parede e fazer correspondência com as letras soltas associando-as, entre outras actividades que a área oferece. Escrevem também o seu nome bem como, muitas vezes, outras palavras e letras nos seus desenhos, construções e em todas as suas produções.

²¹ Obra citada, pg. 65.

Área da Matemática

Esta área está dotada de vários materiais²² como o Geoplano, o “Tangram”, os blocos lógicos, os jogos “Lógico Primo” de associação e raciocínio, os ficheiros, os cadernos de quadriculado, as réguas, entre vários outros.

Todas as actividades que se processam nesta área são muito importantes e possibilitaram ao grupo adquirir bastantes conhecimentos neste domínio. O seu raciocínio é estimulado através do jogo, de uma forma lúdica, bem como através de outras actividades de construção de conceitos para o grande grupo, como a medição das alturas e do peso e de outras actividades deste domínio.

As crianças vão-se apercebendo do conceito de número, na sua forma gráfica e associando-o à sua quantidade. Têm a possibilidade através do material de triagem disponível de organizar seriações, classificações, de iniciar a contagem de números cardinais e ordinais, de efectuar conjuntos, de descobrir formas geométricas e de as associar umas com as outras e com objectos reais, de jogar jogos de sociedade com dominós, entre muitas outras tarefas.



Figura 7: O P., o M. e o D. jogam com o dominó de formas geométricas

O educador tem o papel, durante este tempo do dia que é de escolha livre por parte da criança, de circular pelas áreas e, tanto nesta como em qualquer outra, de apoiar as crianças no decorrer das actividades que realizam principalmente, e com especial atenção, àquelas que apresentam mais dificuldades, de modo a possibilitar-lhes também que atinjam as competências que projectadas e, sobretudo, que progridam nos seus conhecimentos neste

²² Ver Lista de Materiais da Área da Matemática em Apêndice 3.

âmbito conceptual.

Através do envolvimento que as crianças demonstram quando estão nesta área, individualmente ou a trabalhar em pequeno grupo, do seu empenho e da quantidade de vezes que a escolhem através da marcação no Mapa de Actividades podemos verificar que o grau de satisfação é enorme. Esta área foi uma das mais procuradas, ao longo do ano, o que nos faz concluir que a sua avaliação sobre a mesma foi extremamente positiva o que provoca que a nossa avaliação também o seja.

No fundo podemos dizer que a Matemática esteve sempre presente na nossa vida de grupo, através da marcação nos mapas de dupla entrada, da contagem de crianças para o almoço e escrita do seu número para levar à cozinha, passando pela escrita da data em todas as produções realizadas, entre muitas outras actividades. Sem quase darmos por isso e, de uma forma natural, a Matemática surge de modo constante no nosso dia-a-dia para resolver “problemas” concretos. “Cabe ao educador partir das situações reais do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico matemático, internacionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas.”²³

Área das Ciências

Esta área é sempre muito procurada pelas crianças pois elas adoram brincar com os animais existentes, comparar as conchas e os búzios, jogar os jogos da alimentação ou dos países, voltar a fazer a experiência dos ímanes ou, simplesmente, olhar o aquário da “Sofia”, a nossa tartaruga²⁴.

²³ In *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Obra citada, pg. 73.

²⁴ Ver Lista de Materiais da Área das Ciências em Apêndice 4.

Como em qualquer outra área da sala as crianças realizam aqui importantes descobertas e comparações, apoiadas e incentivadas pelas actividades em torno das ciências que se vão realizando no *Tempo de Trabalho Curricular participado pelo Grupo/Animação Cultural*. Mas as descobertas desenvolvidas nesta área têm um sabor, talvez, especial. É do conhecimento geral que as crianças têm uma curiosidade natural por tudo o que as rodeia e uma paixão especial por animais, pela natureza, por tudo o que tem a ver com actividades ao ar livre... Apoiando esta nossa ideia as OCEPE²⁵ apontam que a “curiosidade natural e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas e, também, das artes.”



Figura 8: O D. explora o jogo dos países

Faz parte de ser criança, de estar a viver e a conhecer tudo pela primeira vez, de estar a saborear um mundo cheio de coisas novas e surpreendentes. Talvez por isso esta área tenha tanto sucesso dentro da sala. No fundo ela vive daquilo que se experimenta nas saídas ao exterior, nas plantações da nossa horta, nas vivências que cada criança tem em casa, no que se descobre nos livros sobre a fauna e a flora, de um tudo que a criança se vai apercebendo e questionando constantemente. O educador deve tentar estender os interesses da criança e oferecer-lhe situações ricas que a permitam descobrir e saber mais, saciar de alguma forma os seus desejos de investigadora nata.

²⁵ Obra citada, pg. 79.

Área da Biblioteca

A Área da Biblioteca é uma área que consideramos muito importante na sala e que as crianças escolhem sempre bastante. Como pudemos apreciar pelo que observámos, ao longo do ano, e é apontando pelas OCEPE²⁶ o contacto com o livro é extremamente importante para a criança pois através dele é possibilitado o sonho pela escuta de uma história maravilhosa, a fruição estética da contemplação das suas páginas, a aquisição de vocabulário e a iniciação à abordagem da leitura e fomento do gosto pela mesma, entre outras possibilidades.

As crianças vivem muito esta área procurando-a para “ler” as histórias já conhecidas e ouvidas, ou não, através das suas imagens, sozinhas ou em pequeno grupo.

Devido ao Projecto da Biblioteca, que vamos abordar mais à frente neste documento, a área foi a certa altura do ano reformulada e reorganizada. Porém, já em Setembro, tínhamos disposto a estante, o escaparate e a mesa redonda que adquirimos e seleccionado os livros dividindo-os em “Livros de Histórias” e “Livros que nos ensinam coisas” como aqueles que vamos pesquisar para sabermos mais sobre algum tema ou para fazermos os projectos. Esta terminologia foi discutida pelo pequeno grupo que elaborou o Inventário e, posteriormente, pelo grande grupo e aceite por todos.

Área da Expressão Plástica

Através da elaboração do *Inventário* todo o grupo pôde, desde início do ano, saber quais os materiais²⁷ que tínhamos colocado na área, nomeadamente quais os que eram novos ou diferentes em relação ao que lá existia no ano

²⁶ Obra citada, pg. 70.

²⁷ Ver Lista de Materiais da Área da Expressão Plástica em Apêndice 5.

lectivo passado. Durante o ano fomos colocando outros, conforme as necessidades.

Para além das estantes, com uma diversidade bastante grande de papéis



Figura 9: A M., a L. F. e a Mg. entusiasmadas nas suas pinturas.

vários e artigos de colagem, recorte, desenho etc., existe ainda um armário com gavetas grandes de plástico transparente à altura e disposição das crianças, com vários materiais identificados na parte de fora da gaveta através do nome e da imagem. É importante que os materiais estejam, o mais possível, disponíveis para as

crianças para que estas possam de uma forma autónoma utilizá-los e criar as construções e obras plásticas que imaginaram. Quanto maior for a diversidade de materiais mais facilidade terá a criança para pôr em prática os seus projectos e poder criar um avião, um elefante, um foguetão...tudo o que a sua imaginação permitir. Isto não significa que devem existir materiais dispendiosos e sofisticados, pelo contrário, os materiais de desperdício como rolos de papel higiénico e de cozinha, caixas de fósforos vazias, caixas de ovos, rolhas, entre outros, são os que mais permitem criar praticamente tudo que se quiser.

Através da marcação no *Mapa de Actividades* as crianças têm a possibilidade de fazer o que quiserem com todos os materiais disponíveis na área, que conhecem devido à elaboração do Inventário, realizando os seus pequenos projectos segundo a sua criatividade. Desde pinturas, a recorte, colagem, construções com papéis, cartolinas, lãs, garrafas de plástico, material de desperdício a duas ou em três dimensões, muitas criações, quais obras de arte, foram realizadas e posteriormente apresentadas ao grupo no momento das

Comunicações.

Projectos

Seguidamente vamos apresentar alguns projectos desenvolvidos pelo grupo. Estes projectos surgiram de conversas de grande grupo e de ideias das crianças ou foram suscitados por outras práticas realizadas dentro do grupo e não da iniciativa do adulto. Foram organizados através de sorteios dos seus intervenientes, com o cuidado de não os repetir de outros projectos, de modo a que todas as crianças pudessem participar pelo menos na realização de um, sendo que quem teve a ideia ou a despoletou evidentemente que participou na sua elaboração.

O trabalho de projecto nesta pedagogia está constantemente a ser desenvolvido e parte dos interesses das crianças em investigar, saber e construir, tendo a sua filosofia nas palavras do seu fundador Sérgio Niza que defende que “a produção é que nos leva à compreensão”.

Estes projectos desenvolvem-se, geralmente, em pequenos grupos podendo, por vezes, estender-se ao grupo inteiro. De qualquer forma o projecto é comunicado, no seu final, de modo a que todo o grupo se possa apropriar das aprendizagens efectuadas. Pode também ser comunicado a outros grupos de crianças, às famílias ou a outros membros da comunidade.

Para além das aprendizagens valiosas que se efectuam, as crianças sabem que aquilo que produzem é reconhecido socialmente. O que a criança faz e aprende tem que ser partilhado senão tem pouco ou nenhum valor.

Há três tipos de projectos nesta metodologia:

- Projectos de execução
- Projectos de pesquisa
- Projectos de intervenção

Nos projectos de execução a criança, ou o pequeno grupo, propõe-se a

construir qualquer coisa que tenham em mente. Nos projectos de pesquisa é necessário seguir as fases do método científico: ver o que já sabemos sobre o tema escolhido, o que queremos saber, levantar hipóteses, pesquisar em casa, na sala ou junto de outras pessoas e locais, organizar a informação, esquematizar o que aprendemos e registar quem realizou o projecto. Os projectos de intervenção destinam-se a mudar algo na escola ou junto da comunidade envolvente.

O trabalho de projecto na pedagogia MEM obedece a um roteiro que compreende sete etapas base:

- 1) antecipar uma representação mental do que se vai fazer, saber ou mudar (identificação do problema)
- 2) clarificar o significado social do trabalho previsto, com vista à sua utilização, apropriação, intervenção e difusão (o grupo participa dando opiniões e sugestões e acaba por ficar envolvido nos projectos)
- 3) elaborar o projecto de trabalho desdobrando-se em acções (surge o “onde”, “como”, “com quem”, “quando”, “quem faz o quê”)
- 4) conceber um plano de trabalho distribuindo as acções no tempo e atribuindo as responsabilidades – planeamento
- 5) proceder à execução do plano para:
 - a) pesquisa documental (na biblioteca, em casa)
 - b) tratamento da informação
 - c) concepção da apresentação das produções para apropriação colectiva
 - d) elaboração de instrumentos para obter a retroacção dos destinatários
- 6) comunicar os resultados do estudo ou da intervenção, alargando as formas de difusão
- 7) proceder à avaliação do processo e da utilização social dos resultados através da reflexão crítica

O adulto tem o papel de apoiar os projectos e deve fazê-lo seguindo

algumas pistas, de modo a favorecer as experiências educativas:

- 1- Ajuda a decidir sobre a arrumação e organização das produções e recolhas
- 2- Mantém todo o material e equipamento sempre prontos a utilizar
- 3- Regista o que a criança pede, os comentários, ideias e opiniões
- 4- Apoia com a sua experiência o progresso das aprendizagens do grupo
- 5- Apoia nos momentos de síntese e avaliação das actividades
- 6- Facilita as relações interpessoais e a negociação na tomada de decisões do grupo

A avaliação dos projectos pode ser feita de duas formas complementares:

- numa perspectiva longitudinal, em que a avaliação decorre ao longo da pesquisa
- numa perspectiva de validação social, quando os intervenientes comunicam o que aprenderam e recolhem as reacções dos seus pares

Os circuitos de comunicação, como já apontamos, são formas de difusão e partilha dos produtos culturais do trabalho, que compreendem o diálogo de acolhimento, a comunicação, a correspondência, a apresentação de produções, a exposição e as publicações.

Vários projectos foram elaborados durante o ano como: os Peixes, os Instrumentos Musicais, os Meios de Transporte, o Ouriço-cacheiro, a Reciclagem, o Oceanário. Seguidamente vamos documentar um projecto dos elaborados durante o ano para ilustrarmos o seu processo.

Projecto *A Reciclagem* história de um projecto

Como já indicámos geralmente os projectos que surgem na sala provêm das sugestões das crianças, do desenrolar das actividades que se estejam a

desenvolver como sua continuação ou devido a alguma festa ou dia especial que o grupo queira assinalar. Porém o educador também pode e deve, no *Tempo de Trabalho Curricular participado pelo Grupo* que é da sua iniciativa, apresentar novos conceitos para serem trabalhados e desenvolvidos.

Esta temática surgiu do interesse demonstrado pelas crianças pelos ecopontos que existem perto das suas casas e pelo próprio ecoponto existente na Instituição, feito por um grupo de crianças alguns anos atrás. As crianças questionavam bastante sobre este assunto e muitas tinham alguma confusão sobre onde se devia pôr este ou aquele objecto ou desperdício.

De modo a respondermos a estas inquietações planificámos, para o *Tempo de Trabalho Curricular participado pelo Grupo*, uma actividade lúdica para dar o mote a um possível projecto a desenvolver com as crianças, se esta fosse bem acolhida por elas e despertasse interesse.

Neste sentido no dia 11 de Janeiro fizémos na sala o Jogo da Separação do Lixo que se realizou no período da manhã, embora este tempo tenha lugar à tarde, pois algumas crianças fazem sesta e existia mais tempo útil com o grande grupo.

Esta actividade partiu da existência de três caixas de plástico: uma amarela, uma verde e uma azul, embora não fossem todas iguais pois não houve possibilidade.

Começámos por dizer que íamos fazer um jogo que consistia em separar alguns objectos que tínhamos dentro de um grande saco.

As crianças ficaram logo entusiasmadíssimas pois adoram surpresas e objectos escondidos, bem como jogos novos. Com a ajuda da caixa dos nomes, que temos na Área da Escrita, fizémos o sorteio das crianças que iam jogando, uma de cada vez. Este procedimento é usual em várias actividades que realizamos e as criança apreciam bastante o *suspense* para ver qual o nome que vai sair a seguir. Ao mesmo tempo não é o adulto que escolhe e detém o poder de quem joga primeiro e quem joga a seguir, é um sorteio e como tal

obra do acaso, sendo mais facilmente aceite pelas crianças.

Uma criança de cada vez, ao ouvir o seu nome que tirávamos da caixa de olhos fechados, foi colocando o objecto na caixa da cor certa, segundo os seus conhecimentos sobre os ecopontos que existem na rua. Não dissemos propositadamente nada sobre as cores, porém introduzimos o jogo dizendo que íamos pôr no “lixo” aqueles objectos, mas tal como existe na rua e nos contentores que temos na escola, não íamos pô-los no caixote do lixo normal, íamos separar.

É evidente que a actividade partiu muito daquilo que as crianças já sabiam sobre o assunto, e era exactamente isso que pretendíamos. Embora cada criança fosse pôr individualmente o objecto na caixa correcta, quando ela não sabia onde devia pôr, os colegas ajudaram de imediato, na linha da entreaajuda e apoio que o grupo vivencia geralmente nas suas dinâmicas quotidianas, de modo a que todas as crianças do grupo se sintam bem sucedidas em qualquer actividade.

Foi importante questionarmos tudo e não darmos as respostas imediatamente, para que as crianças pudessem pensar e estender os seus conhecimentos, construindo as suas aprendizagens, através dos andaimes que fomos colocando. Deste modo questionávamos: “De que cor são as caixas?”, “Que é isto que saiu do saco?”, “É feito de quê?”, “Onde vamos pôr?”, entre outras interrogações.

Todas as crianças participaram no jogo. No final apresentámos uma folha que permitiu registar as aprendizagens que tínhamos acabado de fazer e ajudar a consolidá-las e memorizá-las.

Este registo foi explicado a todo o grupo simultaneamente e, seguidamente, cada criança preencheu-o de forma individual. Algumas crianças mais distraídas e, conseqüentemente com menor capacidade de concentração, tiveram algumas dificuldades em entender a correspondência entre o objecto e o contentor respectivo. Porém estas foram ajudadas por nós, pela auxiliar da

sala e por outras crianças.

Fizémos também um registo colectivo sobre o procedimento do jogo e as nossas conclusões, no final, com frases espontâneas das crianças que quiseram participar, de forma a sistematizar o que tínhamos realizado e de modo a documentar para as famílias e outros pares o nosso trabalho, o qual foi afixado nos placards onde costumamos expor os nossos trabalhos.

De seguida questionámos o grupo sobre o que tínhamos feito, se “aquilo” era para reciclar. Uma criança repetiu mostrando que conhecia o termo, embora as restantes não tivessem dito nada. Dentro da nossa metodologia na qual as crianças constroem o seu próprio conhecimento através da investigação e descoberta e, dentro da lógica de projecto, levantámos então a ideia de realizar um sobre a Reciclagem para descobrirmos o que significava, já que ninguém sabia dizer.

De imediato colocámos o nome do projecto na nossa Lista de Projectos. Demos primazia às crianças que ainda não tinham participado em nenhum dos projectos anteriores.

Deste modo as crianças que foram seleccionadas e acederam participar (têm sempre a oportunidade de recusar se não quiserem fazer parte do grupo) foram: a Mg., a L. B., o M., o Ld. e o D..

A recolha de material para o projecto começou de imediato, em casa de cada criança seleccionada para a sua montagem, como é hábito em todos os projectos de investigação realizados na sala.

No dia 14 de Janeiro começaram a aparecer os frutos da recolha, feita em casa com os pais, pelos elementos do grupo.

No dia 18 de Janeiro o grupo reuniu, orientado por nós, de modo a começar a organizar o material que cada um tinha recolhido. Sentámo-nos então, na Área da Biblioteca com o pequeno grupo, para analisar aquilo que cada um tinha trazido. Basicamente tínhamos folhas de texto com imagens sobre a separação do lixo e sobre a reciclagem retiradas de revistas e de *sites* da

Internet. Lemos em conjunto e reparámos que tínhamos já dados bastante interessantes e ricos sobre o tema, que nos permitiam elaborar o projecto. Para além disso a Mg. trouxe um desdobrável retirado de uma revista para a infância, com imagens grandes que se destinavam à construção de um ecoponto e imagens dos objectos que se deviam colocar em cada um. O Martim trouxe um jogo que fez em casa com a mãe, o que nos surpreendeu, pois ficámos espantados com a sua originalidade e funcionalidade.

Decidimos seguidamente que íamos fazer um ecoponto para a nossa sala com o *Papelão*, o *Plasticão* e o *Vidrão*, através do material que a Margarida tinha trazido e de três pequenos caixotes. Organizámos também o texto que íamos colocar nos pontos pelos quais norteamos as nossos projectos:

- O que já sabemos
- O que queremos saber
- Onde procurámos
- O que aprendemos
- Quem fez

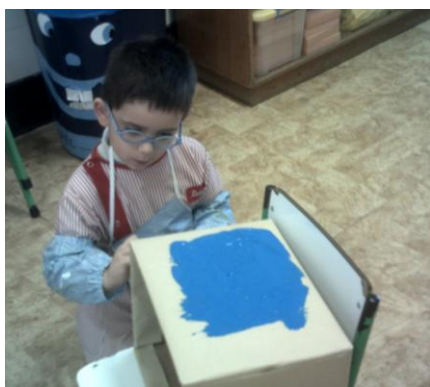


Figura 10: O D. a pintar um dos contentores do Ecoponto.

No dia 20 começámos a pintar os contentores do ecoponto. A Mg., o D. e o Ld. encarregaram-se dessa tarefa com muito afino e entusiasmo.

No dia 21 começámos a organizar a informação que tínhamos recolhido. O grupo decidiu apresentar o projecto em forma de cartazes, por sugestão da L. B.. Enquanto o grupo ia recortando e colando as imagens seleccionadas, nós íamos escrevendo o texto que havia sido lido e escolhido para os cartazes, ajudando a L. B. que já sabe ler e escrever.

No dia 24 terminámos a construção do ecoponto colando as imagens da revista que a Mg. trouxe e as imagens dos objectos que podemos colocar em cada contentor. O pequeno grupo ficou muito entusiasmado com o que produziu por tudo ter ficado com um aspecto muito bonito e funcional.

Como no dia 25 tínhamos agendada uma saída ao exterior marcámos a Comunicação do projecto para o dia 27 de Janeiro, para que as crianças do grupo que o elaborou estivessem todas presentes. Memo reunindo todos os esforços neste sentido, o D. não pôde estar connosco.

Deste modo, no dia 27 de Janeiro o projecto foi comunicado. A alegria por parte do pequeno grupo era grande e o entusiasmo era de todos.

O grupo fez a comunicação dos cartazes, o jogo que o Mt. fez em casa com a mãe e os ecopontos que pintaram. Os colegas gostaram imenso, de forma geral, demonstrando-o através da sua atenção e dos comentários que fizeram. A L. B. leu os textos dos cartazes, a Mg., o Mt. e o Ld. explicaram as imagens coladas, o jogo e os ecopontos e nós demos uma ajuda.

No final todos aplaudiram, como é nosso costume sempre que uma comunicação é feita, e o projecto foi para a Área da Biblioteca para consulta das crianças do grupo sempre que queiram. O jogo foi colocado na Área das Ciências e os contentores ficaram alinhados junto ao cavalete ao alcance de todos os que precisem futuramente de colocar lá os lixos para reciclar.

Seguidamente fizémos uma exposição do projecto como fazemos geralmente para os pais verem na escada dos cabides.



Figura 11: A L. B., o Ld. e o D. a construir os cartazes



Figura 12: O Mt., a L. B., o Ld. e a Mg. comunicam o projecto

Após uma reflexão sobre o projecto desenvolvido pensamos que este foi, desde o primeiro dia, muito bem acolhido pelas crianças do grupo. Estas divertiram-se na elaboração das tarefas e estavam concentradas e entusiasmadas, de um modo geral, na elaboração das

actividades a ele inerentes.

O grupo do projecto esteve sempre empenhado na investigação sobre o tema em casa, bem como os pais que, geralmente, são muito interessados, entusiastas e participativos neste tipo de iniciativas da nossa parte o que nos dá muita satisfação. Para além disso concentraram-se bastante na composição, organização e montagem do projecto e ficaram muito contentes com o resultado final dos cartazes e dos contentores que elaboraram, tanto em termos de conteúdo como a nível estético.

A comunicação do projecto foi bem feita, praticamente de forma autónoma pelo grupo que o realizou, e os restantes colegas estiveram muito interessados. As comunicações feitas do modo como aqui apresentamos estimulam bastante e responsabilizam os pequenos grupos encarregados de realizar os projectos, esforçando-se para o apresentar bem e de forma clara para que todos os colegas compreendam. Para além disso é uma forma de partilharem as aprendizagens realizadas por eles com o grande grupo e tornar os seus saberes importantes e socialmente aceites. Pensamos ainda que estas práticas elevam bastante a auto-estima da criança e o seu papel no grupo, pois sente que os colegas a aceitam e valorizam o seu trabalho e os seus conhecimentos.

Quanto a nós este projecto também nos suscitou muito interesse e

entusiasmo, muito devido à grande implicação e envolvimento destes cinco pequenos “investigadores e projectistas”. A alegria que demonstraram foi o motor que fez andar todo o processo. O resultado foi muito satisfatório para nós, os conteúdos abordados estavam apresentados de forma simples e clara e o grupo fez uma explicação eficaz aos colegas bastante autonomamente, muito devido ao facto de um dos elementos saber ler tão precocemente, o que retirou das nossas mãos esse poder. Fomos, desta forma, reais parceiros destas cinco crianças, mais um elemento do grupo apoiando-o. As crianças, de um modo geral, entenderam a separação do lixo e o significado do termo *Reciclagem*, que as coisas velhas servem para fazer coisas novas, através dos exemplos apresentados no projecto.

No fundo o projecto acabou por conter as três tipologias dos projectos no âmbito do MEM, que assinalámos: execução, pesquisa e intervenção. Realmente, ao fazer a exposição e ao levar para casa as aprendizagens realizadas, cada criança comunica também o projecto aos pais, intervindo junto deles, ensinando-os e chamando-os a atenção para a separação dos lixos e para a protecção do ambiente.

O grupo compreendeu o que se pretendia com o projecto ao utilizar os ecopontos realizados de forma correcta ao longo do ano lectivo.

5.3. Tempo das Comunicações

Este é um tempo extremamente importante no MEM. Neste período do dia, que ocorre no final do *Tempo de Trabalho Autónomo*, as crianças mostram textos, desenhos, construções, registos, cadernos, entre outras produções suas.

Estes momentos servem largamente para aumentar a sua auto-estima e fomentar a aprendizagem, ao mesmo tempo que são um meio de divulgação do trabalho de cada um e partilha com os colegas, em que todos sem excepção, se tornam importantes membros do grupo e detentores de coisas importantes para

lhes ensinar e transmitir, seja uma simples folha de papel ou um projecto de pequeno grupo.

É importante que todas produções sejam amplamente valorizadas e igualmente aplaudidas. Por vezes podem ser elogiadas outras vezes criticadas, mas sempre de forma construtiva de modo a que o comunicador possa aprender também com a sua comunicação e assim progredir no seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo aprende a gerir situações de insucesso, o que também consideramos de extrema importância nesta faixa-etária.

5.4. Tempo de Trabalho Curricular participado pelo Grupo/Animação Cultural

Este tempo da *Agenda Semanal* é fundamentalmente planificado pela educadora embora as crianças possam e dêem sugestões para actividades que se desenrolam durante o mesmo. As temáticas trabalhadas nestas actividades surgem também e de forma a responder ao Projecto Educativo da Instituição, ao Projecto Curricular de Grupo, aos projectos ou iniciativas que se estejam a realizar na sala ou como meio de atingir os objectivos e competências que nos propusemos alcançar no *Projecto Curricular de Grupo* delineado no início do ano lectivo. Estas actividades são também sessões de construção de conceitos, nas quais a educadora pode introduzir e desenvolver conceitos novos ou preencher lacunas do currículo que não estejam a ser trabalhados com o grupo.

Deste modo vamos dar seguidamente alguns exemplos de actividades realizadas de segunda a quinta-feira durante este tempo na organização do dia, uma vez que às sextas-feiras à tarde é dia de reunião de Conselho.

Faremos neste ponto do presente capítulo algumas reflexões sobre as actividades indicadas.

As actividades deste tempo semanal inserem-se nas três grandes Áreas de Conteúdo e em todos os seus domínios. Procurámos apresentar actividades

diversificadas e situações novas mas, ao mesmo tempo, preocupámo-nos com a sua pertinência e adequação para o grupo no sentido do alcance dos objectivos e competências que delineámos. Considerámos importante ainda que estivessem em sintonia e continuidade com os projectos e trabalhos que estivessem a decorrer, bem como com as ideias que as crianças foram manifestando.

As actividades deste tempo foram distribuídas pelas crianças pelos dias da semana, em consenso no início do ano lectivo, conforme apresenta a *Agenda Semanal*.

Expressão Motora

Estas actividades foram realizadas às segundas-feiras e no salão polivalente da Instituição, pois este é um local amplo, com boas condições a nível de revestimento e com bastantes materiais de psico-motricidade. Infelizmente nos dias de condições climatéricas adversas com ocorrência de pluviosidade estas sessões não se puderam realizar, pois temos de nos deslocar pelo espaço exterior até ao outro edifício.

Estas sessões compreendem três partes distintas mas interdependentes: o aquecimento, o desenvolvimento e o relaxamento num total de cerca de 45 minutos, sensivelmente.

Estes momentos são fundamentalmente da responsabilidade da educadora, embora devam e tenham sido várias vezes planificadas em conjunto com as crianças, mediante sugestões suas de jogos que gostariam de realizar depois de termos desenvolvido alguns com eles. É um processo crescente em participação da sua parte.

Muitos jogos e movimentos foram realizados, entre jogos de regras, percursos de habilidades locomotoras, “viagens” nas quais era necessário mimar variadas acções, jogos de equipas, jogos de memória, de imaginação e

dança ao som de vários tipos de música.

Com o passar dos meses pudemos avaliar que as crianças preferiram algumas actividades, na parte de desenvolvimento, devido ao entusiasmo demonstrado durante as mesmas e à frequência com que pediam para repetir. Entre as preferidas estão o jogo “Os cães e as casotas”, percursos nos quais tinham que realizar vários movimentos como andar em “zig-zag”, saltar em arcos, andar em equilíbrio sobre uma base, rastejar pelo túnel, dar cambalhotas e as “viagens” nas quais começávamos o “dia” com as acções próprias do levantar, lavar a cara, vestir etc. Até ir apanhar o autocarro e depois andar de barco, de avião ou de comboio, tendo em conta todas as acções que seria necessário efectuar até chegar ao destino, que podia ser ir para a escola ou ir fazer um piquenique no campo, para chegar ao qual teríamos de nadar, saltar em pedrinhas no ribeiro ou remar num pequeno barco, isto recorrendo às sugestões e imaginação de todos.

O aquecimento consistiu, regra geral, em mover várias partes do corpo, de pé e deitado, com incidência nos movimentos locomotores e em exercícios de direcionalidade. O relaxamento foi efectuado, geralmente, com movimentos calmos com recurso a jogos de memória ou raciocínio, em posição sentado com uma almofada ou bola. Estes momentos foram realizados com música, com recurso à imaginação na posição deitado ou sentado fechando os olhos e transpondo-nos para uma praia, um campo, tentando ouvir os sons suaves que se ouviam realmente, entre outros, ou simplesmente respirando e expirando calmamente de forma a provocar um verdadeiro relaxamento de todo o corpo.

Estas actividades foram do maior agrado das crianças e estas estiveram, regra geral, sempre bastantes envolvidas. Parece-nos que foram sempre muito importantes para o desenvolvimento motor das crianças e procurámos sempre diversificar os jogos e materiais utilizados. Segundo as OCEPE ²⁸ “a

²⁸ Obra citada, pg. 58.

diversificação de formas de utilizar e sentir o corpo (...) podem dar lugar a situações de aprendizagem em que há um controlo voluntário desse movimento (...). A exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo” e “das suas possibilidades e limitações.”

Visitas, Saídas e Surpresas

Neste ponto vamos apresentar algumas reflexões sobre actividades deste tempo semanal que teve lugar às terças-feiras. Estas actividades podem ser visitas da família à sala, saídas ao exterior para fazer alguma visita, dentro de algum projecto que se esteja a desenvolver, ou para assistir a algum espectáculo ou evento, o que se pode inserir nas surpresas, bem como outras actividades.

Neste tempo da semana também podem ocorrer actividades de desenvolvimento do currículo dos domínios da matemática, da linguagem e abordagem à escrita e da Área do Conhecimento do Mundo, nomeadamente, de abordagem às ciências; são as chamadas sessões de construção de conceitos.

Estas actividades são decorrentes de temas de interesse que o grupo mostre, mas também de lacunas que vejamos que são pertinentes colmatar no grupo, itens do currículo que seja necessário desenvolver de modo a que todas as crianças possam adquirir as competências que delineámos.

O objectivo não é avaliar o que cada criança não sabe, é possibilitar que todas tenham sucesso numa perspectiva de entreaajuda na qual cada uma só o tem sucesso se o colega também tiver, oferecendo-lhes alicerces para que possa aumentar e consolidar os seus conhecimentos.

As famílias podem inscrever-se numa folha ²⁹exposta nas escadas dos cabides sempre que quiserem, para fazer alguma actividade das que estavam

²⁹ Ver Apêndice 6: *Folha de Inscrição de Visitas da Família*.

no papel ou outra qualquer, desde que viessem às terças-feiras no período da manhã ou no período da tarde a partir das 15.20h para que o grupo que faz sesta pudesse estar presente.

Ao longo do ano tivemos algumas visitas da família, não tantas como gostaríamos, mas todas muito interessantes e originais. Estes momentos foram muito importantes para os seus filhos que se sentiram enlevados na sua auto-estima e foram oportunidades de fruição estética, artística e lúdica para todo o grupo. Uns mais que outros os pais e mães que nos visitaram conseguiram prender a atenção do grupo, oferecer-lhe vivências ricas e agradáveis e, simultaneamente, verdadeiras situações de aprendizagem.

Para as famílias também foram bons momentos, os que passaram nessas manhãs na nossa sala, o que podíamos avaliar pelas suas reacções, alegria e comentários de satisfação que faziam ao sair e pelos comentários que também faziam quando viam a exposição das fotografias e dos registos gráficos que fizemos. Alguns diziam como a mãe da Mt.: “Que giro como me desenharam! Até me puseram com o lenço!”. Também para eles foram oportunidades de elevação do seu próprio valor enquanto pessoas, naquilo que são para os seus filhos, que os seus conhecimentos também são importantes e válidos e que também eles têm coisas interessantes para ensinar no Jardim de Infância.

Realizaram-se neste sentido algumas visitas interessantes como no caso da mãe da Mg.. Ela disponibilizou-se e inscreveu-se na grelha exposta na escada dos cabides antecipadamente e, ao subir a escada, veio falar-nos sobre o que estava a pensar fazer. Como era uma ideia completamente original e, mesmo que não fosse, ficámos logo na expectativa do que ela ia fazer com as garrafas de *Coca-Cola*. Mas como sabemos que a P. é muito habilidosa e faz muitos trabalhos manuais com vários materiais em casa, tínhamos a certeza de que ia ser uma actividade muito bem sucedida. Fez então um peixinho que é um jogo de vai e vem, que depois nos ofereceu, um espanta-espíritos muito lindo e fez para nós vermos uma caixa, tudo com garrafas de plástico de *Coca-Cola*.

Posteriormente nós fizemos caixas e espanta-espíritos com garrafas no nosso Tempo de Trabalho Autónomo.



Figura 13: O teatro de fantoches feito pela família da Luana B.

A mãe, a tia e a colega da tia da L. B. resolveram vir fazer uma surpresa ao grupo e propuseram um teatro de fantoches.

A actividade correu muito bem, apesar de a história ser muito pequena, pois as crianças adoram teatros e fantoches.

No final as crianças puderam mexer nos bonecos e inventar os seus próprios teatros.

A mãe da Mt. veio fazer pompons com lãs de muitas cores. Após ter-nos perguntado qual o dia que seria melhor, questionou-nos se achávamos bem realizar os pompons com as crianças.

Após o nosso entusiasmo com a actividade marcámo-la para o dia 29 de Março.

Chegado o dia, perto das 10.30h, o grupo estava na expectativa da chegada, da R., mãe da Mt..

Ela trazia uma caixa cheia de pompons de lã muito coloridos. O grupo estava excitadíssimo, de uma forma geral. A mãe da Mt. ficou muito contente e as crianças também, embora tenha havido uma certa agitação devido ao facto de todas quererem fazer primeiro o seu pompom. Para ela, que estava a atravessar um problema de saúde, foi uma manhã muito gratificante e nós demos conta disso. No final ela ficou contentíssima com os desenhos e opiniões que as crianças manifestaram na sua avaliação da actividade.

A mãe da L. F. inscreveu-se na folha para participação dos pais e disse que gostava de vir à sala contar uma história.

Trouxe duas histórias muito bonitas. O grupo esteve muito interessado e, mesmo aquelas crianças mais distraídas, estiveram bastante atentas. No final

resolvemos registar graficamente a visita e cada criança pôde dizer qual foi a história que mais gostou, dando a sua opinião.

Depois fizémos exposições na zona de entrada dos cabides, de modo a divulgar a visita à equipa educativa e às outras famílias o que estimula a que também venham à sala. Desta forma todas as crianças puderam fazer a sua



Figura 14: O pai da C. F. veio fazer barcos com cascas de pinheiro

avaliação e esta foi extremamente positiva. A C. F. aproveitou as férias da Páscoa do pai que trabalha fora de Portugal para lhe pedir que viesse à sala fazer alguma coisa. Então o pai veio combinar connosco que queria vir mostrar uns barcos que fazia para a filha.

Deste modo trouxe um barco que já tinha feito com a C. em casa e material para fazer mais com o grupo. Começou por mostrar os pedaços de casca de pinheiro e explicar, interpelando as crianças a que participassem na conversa. Depois com um canivete deu forma ao pedaço de casca para se tornar como um casco de um barco, usando uma grossa e uma lixa para o alisar.

A seguir com o canivete fez um buraco no meio para colocar um pauzinho a fazer de mastro. Todos participaram na pintura das velas para pôr nos pequenos barcos.

Foi uma actividade muito original e as crianças estavam muito empenhadas e interessadas. O pai da C. explicou muito bem e com muita alegria tudo o que ia fazendo e conseguiu prender a atenção do grupo.

Fizémos no final uma exposição no cubo à entrada com as fotografias e os barcos que ajudámos a elaborar.

Para além das visitas da família realizaram-se também neste tempo semanal saídas ao exterior de modo a responder a interesses das crianças, a convites

que recebemos ao longo do ano ou para dar continuidade a actividades e projectos que se desenrolaram.

No fundo foram deslocações que considerámos pertinentes para desenvolver com o grupo em todas as ocasiões que se proporcionaram. Eis aqui a descrição de alguns desses momentos.

Tendo recebido na Instituição o desdobrável a divulgar mais uma sessão de contos na Ludoteca da Casa da Cultura, resolvemos deslocar-nos até lá.

Foi uma iniciativa muito interessante pois, à medida que as histórias iam sendo lidas, a animadora ia desenhando para as ilustrar.

Quando voltámos para a sala as crianças deram as suas opiniões sobre a actividade, avaliando-a positivamente.

Logo no princípio do ano lectivo fomos visitar os Moinhos de Penacova.



Figura 15: Moinhos de Penacova

Esta visita surgiu por sugestão de uma educadora da Instituição, a educadora do grupo dos 3 anos, e nós resolvemos aderir por considerarmos uma situação de interesse e pertinência para o nosso grupo. No fundo estes Moinhos situam-se bem perto de nós, em Penacova e são, por

vezes, recursos educativos dos quais não nos recordamos. A visita foi extremamente importante pois permitiu às crianças verem um moinho recuperado por dentro e perceberem como ele funcionava, moendo o milho para fazer a farinha. O Sr. J. foi de uma simpatia digna de louvor ao explicar-nos tudo que lá se passava dentro e ao colocar, no final, as velas do moinho a girar.

De volta à escola pudemos realizar os nossos registos e reflexões, de forma

conjunta e individual, e avaliámos positivamente a actividade.

Tínhamos prometido às crianças, desde o ano lectivo passado, ir ao Jardim Botânico e então marcámos para a época do Outono.

As crianças ficaram maravilhadas com a beleza do espaço: as grandes árvores com tabuletas com nomes, a quantidade de folhas secas de várias formas e cores que faziam barulho debaixo dos nossos pés, os pequenos lagos com peixinhos vermelhos.

Ao voltarmos para a escola fizémos todos juntos um texto sobre o que vimos lá. Esta reflexão conjunta foi afixada para os pais consultarem e foi exposta juntos dos registos gráficos e opiniões individuais de cada criança.

Todas a crianças do grupo, sem excepção, adoraram o passeio e apanharam muitas folhas secas e ramos pequenos. Assim, e como actividade posterior, resolvemos colá-los no cartaz que fizémos sobre o Jardim Botânico, recriando os elementos que visualizámos.

No dia 23 de Novembro fomos à padaria do *Continente* no *Coimbra Shopping* para fazer o pão, por sugestão da mãe da Luana Beatriz que trabalha lá.

Quando chegámos fomos muito bem recebidos por uma funcionária que nos levou à padaria onde, depois de lavarmos bem as mãos, fomos ter com os padeiros que nos ensinaram tudo sobre como se faz um pão. Cada criança modelou uma bolinha de massa e depois os pães foram para o forno.

A seguir fomos ver a zona onde se fazem os bolos. As pasteleiras mostraram-nos como decoram os bolos e até nos deram a provar um pedacinho. As crianças adoraram, claro está, principalmente os mais gulosos.



Figura 16: A modelar o pão na Padaria do *Continente*

Quando voltámos para a sala tivemos uma conversa de grande grupo na qual cada criança fez a sua avaliação sobre a visita, dizendo o que mais gostou e o que foi mais significativo para si própria.

Estas opiniões foram registadas por escrito, de forma colectiva, para acompanhar os registos gráficos, de modo a fazer a divulgação da visita para as famílias.

Deslocámo-nos à Ludoteca na Casa da Cultura novamente para assistir a



Figura 17: A assistir aos contos na Ludoteca da Casa da Cultura

várias sessões de contos. Participámos na comemoração dos *100 anos de Leo Lionni*, baseada nas obras: “Um ovo extraordinário”, “Cornélio” e “Frederico”. O grupo, de uma forma geral, ficou maravilhado com as fantásticas histórias e com as ilustrações que forravam as paredes.

De volta à sala realizámos os nossos registos gráficos e um painel mural com o rato da história “Frederico”, que usámos para exposição, pois esta história existe na nossa Área da Biblioteca.

No dia 23 de Março resolvemos ir ao Parque Biológico da Serra da Lousã, passeio que já estava combinado com o grupo desde há algum tempo, devido à sugestão dos pais da Mg..

Assim pensámos agendar esta visita para esta altura do ano, pois o tempo está um pouco mais estável e agradável pelo facto de ser Primavera.

As crianças estavam muito entusiasmadas pois iam ver animais, o que gostam sempre. Puderam ver animais da quinta, dar milho às cabras com a sua mão, andar de pónei e cavalo e, depois do almoço, ver veados, gamos, corujas, raposas, entre outros, num passeio pela mata que foi muito agradável.

No final as crianças estavam cansadas pela caminhada mas muito contentes

por terem visto tantas coisas. Para além dos animais viram também os *ateliers* da cestaria, da olaria, da tecelagem e ouviram a explicação do que é uma nora.



Figura 11: A Mt. a fazer festinhas ao cavalo

pois algumas crianças começaram a dizer: “uns são aves”, “este é Mamífero” dizia o Leonardo.

Então, em pequenos grupos e com imagens dos animais que existiam no parque biológico, construímos cartazes que foram seguidamente comunicados aos restantes colegas do grupo.

Em Abril fomos ao Museu da Água, visita que já estava prometida desde há algum tempo quando fizemos um passeio até ao Parque Verde e passámos pelo Museu. Esta visita estava agendada primeiramente para o dia 22 de



Figura 20: Visita ao Museu da Água

No dia seguinte fizemos os nossos registos gráficos, aos quais juntámos os registos fotográficos e os comentários e opiniões de cada criança sobre a visita.

Desta actividade surgiu ainda a ideia de fazer um projecto sobre as famílias dos animais, agrupando-os em cartazes,



Figura 19: A Mg. a dar milho às cabras

Março, Dia Mundial da Água, mas foi impossível deslocarmo-nos lá nesse dia.

Escolhida a data e marcada a visita rumámos até ao Parque Dr. Manuel Braga. O serviço educativo disponibilizou-nos uma educadora para nos explicar tudo o que estava no

museu.

Mostrou-nos os contadores da água antigos que estavam expostos e para que serviam, explicou como se fazia antigamente a captação de água para as casas da cidade e, na esplanada exterior, mostrou-nos os poços e os canos para levar a água do rio. Seguidamente levou-nos a ver uma exposição de fotografia que estava patente no museu e, no final, fez connosco uns biscoitos em forma de gota de água com a mascote do museu, o *Plim*.

De volta à sala cada criança, em conversa de grande grupo, pôde reflectir e partilhar com os colegas o que gostou mais da visita avaliando-a. Houve crianças que contaram importantes partes da explicação que a senhora tinha feito e que se lembravam de todos os pormenores. De um modo geral todas gostaram imenso do que lá viram e foi uma excelente oportunidade de aprendizagem.

Deslocámo-nos também à Oficina Municipal do Teatro para assistir a uma peça realizada pela companhia *O Teatrão*, a *Biblioteca Russa*.

Para nós as saídas ao teatro são muito importantes pois esta é uma arte pouco explorada na nossa cidade tendo por público-alvo as crianças em idade de pré-escolar e, por isso, sempre que temos conhecimento de algum evento desta natureza marcamos a nossa presença de imediato.

Este espectáculo foi muito interessante e as crianças apreciaram-no imenso, o que pudemos constatar através da atenção que demonstraram no seu desenrolar e dos comentários que fizeram quando avaliámos em conjunto a visita.

Em Maio resolvemos ir ao Oceanário. Este foi o passeio anual do pré-escolar, que fazemos sempre nesta altura do ano, e que estava



Figura 21: No Oceanário

agendado no Plano Anual de Actividades do Projecto Educativo da Instituição.

Neste ano lectivo a equipa educativa decidiu ir ao Oceanário de Lisboa pois nenhuma das crianças dos nossos grupos de 3, 4 e 5 anos tinham lá ido connosco.

É claro que este é um local recorrente e onde se vai sempre mas, no fundo, é sempre um sítio mágico e maravilhoso para as crianças proporcionando-lhes o contacto com a vida marinha e o fundo do mar que de outra forma seria impossível conseguir.

O dia foi longo com saída por volta das 8h e chegada por volta das 20h, tendo sido preparado antecipadamente com as crianças e os pais, a nível do que era preciso levar e do que era preciso vestir: o pequeno-almoço, a camisola e o chapéu, como sempre nas nossas saídas. O almoço foi levado pela Instituição.

Na semana de 27 de Maio as crianças estavam entusiasmadíssimas por irem finalmente ao Oceanário na sexta-feira, pois estiveram à espera da visita todo o mês já que marcamos os eventos no primeiro dia no nosso Calendário.

A expedição foi óptima para o nosso grupo pois pôde fazer uma visita dramatizada com um educador marinho, a qual foi simultaneamente divertida e educativa.

As crianças estavam fascinadas com o que viam e estiveram sempre, regra geral, com muito interesse a tudo o que o Tg. explicava sobre todos os animais que encontravam.



Figura 22: Exposição da visita ao Oceanário

De volta à escola fizémos os registos gráficos da visita, demos as nossas opiniões sobre o que gostámos mais e combinámos fazer um projecto sobre os animais do Oceanário que já

estava pensado, desde há algum tempo, quando a C. F. levou um bilhete de entrada do Oceanário para o momento do *Quero mostrar, contar ou escrever*.

Este projecto foi realizado durante os meses de Junho e Julho e envolveu o grupo todo. Embora os projectos dentro da metodologia em que trabalhamos sejam geralmente desenvolvidos em pequenos grupos, também há a hipótese de se desenvolverem em grande grupo. E uma vez que esta foi uma ideia e intenção colectiva e que todos foram realizar a visita, é pertinente que todos se envolvam directamente no projecto. De qualquer forma, e de modo a operacionalizar e distribuir as tarefas inerentes á elaboração do projecto, decidimos trabalhar os diferentes animais em pequenos grupos de modo que cada criança pudesse realizar a sua pesquisa específica.

Como organização do projecto fizémos uma rede de tópicos, na qual colocámos os animais que as crianças escolheram para trabalhar e conhecer mais profundamente. As crianças escolheram qual o animal que queriam pesquisar e, posteriormente, fizémos o projecto com os dados que cada um recolheu.

Para além das visitas da família e das saídas ao exterior neste tempo semanal de *Trabalho Curricular participado pelo Grupo* realizam-se actividades de construção conceitos. Estas actividades são da responsabilidade da Educadora a nível da planificação e dinamização.

Estas actividades, como apontado anteriormente, surgem como complemento das actividades ou projectos que se estejam a desenvolver, de modo a possibilitar a aquisição por parte do grupo das competências que delineámos para o mesmo, de modo a atingirmos os nossos objectivos, para desenvolver lacunas que existam em itens do currículo, responder a interesses individuais ou colectivos das crianças ou para apresentar novos conceitos.

As surpresas, como o seu próprio nome indica, são actividades diferentes que as crianças não estão à espera, beneficiando do factor novidade e de serem acontecimentos de facto surpreendentes o que prende, à partida, a sua atenção

e envolvimento. Apesar de serem actividades delineadas pelo adulto estas, durante o seu desenvolvimento, necessitam de participação activa de cada criança para a sua consecução. Não são demonstrações nas quais a criança não tem possibilidade de experimentar, muito pelo contrário, são situações de aprendizagem nas quais o principal objectivo é que a criança possa tocar, sentir, praticar e experimentar novos materiais, novas ocorrências, novos conceitos, não teóricos mas verdadeiramente práticos.

Realizámos neste âmbito algumas experiências de modo a responder à temática da abordagem às ciências preconizada pelas OCEPE³⁰ e devido ao facto de estas actividades não surgirem espontaneamente na Área das Ciências, durante o *Tempo de Trabalho Autónomo*.

Entre as várias experiências apresentadas salientamos algumas como a dos ímanes. Inserido no tempo das Surpresas o grupo estava expectante com o que poderíamos apresentar.

Começámos por, em grande grupo, mostrar os ímanes e alguns materiais que de antemão tínhamos preparado que se pudesse proporcionar a experiência, uns de atracção e outros de não atracção.

Fizémos questão que todas as crianças pudessem experimentar individualmente pelo menos um dos materiais, para que tivessem oportunidade de manusear os ímanes e reparar realmente no que acontecia.

As crianças ficaram, de uma forma geral, estupefactas e maravilhadas com o que acontecia com os ímanes e, por isso, pensamos que os nossos objectivos com esta actividade foram atingidos.

Posteriormente fizémos o registo em folha preparada para o efeito da experiência que cada um fez. Quem quis pôde, no final, dar a sua opinião e todas foram favoráveis de que a actividade tinha sido muito interessante. Isto também nos abriu caminho para futuramente desenvolver outras experiências.

³⁰ Obra citada.

No final fizemos um cartaz com fotografias e texto sobre as conclusões a



Figura 23: O Mt. a fazer a experiência dos ímanes

que tínhamos chegado com a experiência, e com os materiais usados os quais foram para uma pequena caixa para a Área das Ciências. Estes materiais são bastante requisitados pelas crianças que escolhem esta área no seu *Tempo de Trabalho Autónomo* pois elas gostam de verificar quais os materiais que são atraídos, e quais os

que não são atraídos pelos ímanes, repetindo desta forma a experiência sempre que quiserem.

A flutuação foi outra experiência realizada. Esta experiência correu muito bem, tal como as suas antecessoras. As crianças estavam muito interessadas, como estão sempre e geralmente que se apresenta uma surpresa e uma novidade.

O grupo deu hipóteses sobre o que se poderia passar, antes da elaboração da experiência, as quais registámos no registo colectivo.

As crianças colocaram a água, mexeram o sal, puseram os ovos, experimentando assim por si próprias e manuseando os materiais. Até quiseram provar o sal para ver a que sabia. Ficaram maravilhadas com o



Figura 24: A Mg. mexe a água com o sal

resultado. No final realizaram o seu registo individual da experiência.

As actividades de medição do peso e da altura foram também momentos de extremo interesse e aprendizagem para as crianças, realizadas separadamente.

Através destas actividades as crianças

deram-se conta do seu peso e da sua altura, compararam os seus valores umas com as outras e perceberam que o peso se mede com a unidade de quilograma e a altura com o metro.

De seguida registámos de forma individual e de forma colectiva em grandes cartazes. Construámos o Livro do Peso que foi para a nossa Biblioteca.

A actividade da medição das alturas foi sugerida pela L. B. depois de um ida que fez ao médico. Quando contava a sua experiência no tempo do *Quero mostrar, contar ou escrever* relatou que o médico a tinha medido na parede e depois ela disse: “Podíamos medir-nos todos cá na sala.” Automaticamente reforçámos esta ideia que achámos fabulosa, pois tínhamos já em mente realizar esta actividade.

O grupo ficou logo muito envolvido em fazer o que a Luana sugeriu mesmo aqueles que não sabiam bem como seria.

No dia escolhido as crianças começaram, uma a uma a encostar-se à parede para se medirem, na qual tínhamos já colocado uma fita métrica. Ao lermos em voz alta e apontarmos quanto media cada criança, fomos explicando que o que estávamos a fazer era medir as nossa alturas e que isso se lia em metros, tal como o peso em kilogramas.

As crianças apreciaram imenso estas actividades que foram completadas através das colagens e ilustrações dos registos elaborados no *Tempo de*

Trabalho Autónomo.

No final realizaram comparações várias tais como: “A J. é a mais alta”, “A R. é a mais baixa”, entre outras, as quais registámos por escrito.

Estes momentos possibilitaram trabalhar vários conceitos e técnicas e a aprendizagem de diversas noções lógico-matemáticas.



Figura 25: Cartaz das Alturas

Trabalhámos ainda actividades tais como: problemas de matemática, jogos com formas geométricas, jogos de letras, listas de palavras, tentando abordar várias áreas de conteúdo e proporcionar ao grupo desafios diversificados e ricos em descobertas novas.

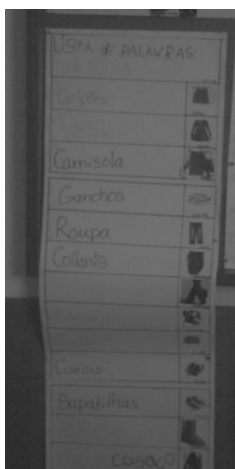


Figura 26: Lista de Palavras

Estas actividades nasceram da nossa intencionalidade educativa mas enquadraram-se perfeitamente no contexto das actividades que se foram desenvolvendo e à medida que faziam sentido para o grupo.

Expressão Musical

Esta expressão foi trabalhada no *Tempo de Trabalho Curricular participado pelo Grupo/Animação Cultural* às quartas-feiras à tarde, geralmente entre as 15.20 e as 16.00h, de modo a podermos reunir o grande grupo inclusive as crianças que faziam sesta.

Estas actividades são organizadas pela educadora, tendo em conta os objectivos e as competências delineadas para o grupo e aquilo que considera importante para as crianças em cada momento, bem como o que estas sugerem e o que é mais pertinente tendo em conta o contexto do trabalho que se desenvolve semanalmente.

Neste sentido preocupámo-nos, essencialmente, em trabalhar algumas noções musicais, com especial ênfase para alguns conceitos expressos nos objectivos e competências apresentadas com base nas Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar. Como sublinham as OCEPE³¹ a “ expressão

31 Obra citada, pg. 63 e 64.

musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspectos que caracterizam os sons.”

Neste sentido muitas sessões foram realizadas ao longo do ano lectivo, muitas canções cantadas e muitos jogos rítmicos elaborados com o apoio do leitor de CD's e de material auditivo apropriado. É importante diversificar as estratégias e materiais utilizados, com recurso a vários estilos de música, passando pela popular, jazz, clássica e de outras culturas, com a utilização da viola tocada por nós para acompanhar algumas peças musicais e com recurso também a vários instrumentos de percussão existentes na sala: pandeireta, pandeiro, guizeira, triângulo, clavas, pratos, reco-reco, maracas, entre outros.

Nas festas de Natal e na Festa de Final do Ano a música também tem um papel importante. Associada à dança e à dramatização a voz das crianças é enriquecida com o uso de bandas sonoras gravadas, com o uso da viola e com o acompanhamento de instrumentos musicais de percussão tocados por elas.

A nível de reflexão deste tempo semanal podemos dizer que o gosto que as crianças do grupo demonstraram ao logo das sessões foi invariavelmente enorme, principalmente quando se pôs em prática jogos de discriminação de sons naturais, de animais, do ambiente construído, etc., e quando recorremos aos instrumentos de percussão.

A título de exemplo podemos apresentar a reflexão que fizemos da sessão de expressão musical do dia 16 de Fevereiro, na qual levámos preparadas duas canções novas para trabalhar com as crianças: “A Pauta de Música” e uma outra para cantarmos no desfile de Carnaval que se aproximava que se intitula: “O Carnaval”.

Com a canção “A Pauta de Música” aproveitámos para sensibilizar o grupo para o facto de que a música se escreve em cinco linhas, com igual espaço entre elas, através das notas musicais, explicando que tal como escrevemos as

letras numa linha a música também tem o seu código escrito. Para apoiar esta alocação mostrámos uma pauta. Para muitas crianças foi uma surpresa, outras já tinham visto uma pauta e fizeram os seus comentários. Seguidamente ensinámos a canção: primeiro lendo verso a verso para que repetissem, depois cantando com o recurso à viola e, mais tarde, dando-lhes instrumentos de percussão.

Depois ensinámos a canção “O Carnaval” com recurso ao mesmo método mas usando banda sonora gravada. A pedido das crianças e, depois de já a sabermos razoavelmente, acompanhámo-la com instrumentos de percussão. A actividade correu muito bem pois as crianças gostaram imenso das canções. Como já estão habituadas ao batimento de ritmos entraram facilmente nas canções e conseguiram, regra geral, acompanhar a ritmo certo com a percussão. Mesmo as crianças que costumam estar mais distraídas conseguiram seguir o ritmo.

Histórias e Dramatizações

Várias histórias e dramatizações foram feitas ao longo do ano lectivo, como pudemos observar anteriormente na Agenda Semanal, à quinta-feira à tarde.



Figura 27: A Carochinha a varrer a cozinha

Um exemplo foi a dramatização da “História da Carochinha” apresentada ao grupo no dia 6 de Outubro que, apesar de ser uma história muito vulgar, foi uma história que contámos logo no princípio do ano lectivo e que as crianças quiseram prontamente dramatizar. Reunimos então algumas roupas que tínhamos na Instituição e fizémos um sorteio dos papéis para representar as personagens,

da caixa dos nomes, conforme combinação entre todos sempre que há este tipo de situações.

Os actores estavam muito contentes e o grupo respondeu muito bem à peça de teatro a que assistiu.

Ao longo do ano, lemos bastantes histórias ao grupo e este sempre se mostrou entusiasmado, explorando ávida e atentamente as palavras e as imagens.

Muitas destas histórias estão na sua Biblioteca da sala e as crianças, posteriormente, contaram e recontaram uns aos outros as suas preferidas.

Também contamos com a participação da L. B., que sabe ler desde os 4 anos, competência que ela já adquiriu pois é uma criança com muita facilidade de aprendizagem.

Assim, quando ela pediu, ajudámo-la a ler ao grupo e lemos também algumas histórias em conjunto com ela.

Contámos também diversas histórias com recurso a fantoches e à projecção de diapositivos, utilizando o “data-show”, e a tela que pedimos para colocar no tecto sensivelmente a meio da sala. Estas actividades foram muito bem sucedidas e despertaram grande interesse por parte das crianças, que pediam sempre que contássemos mais.

Este domínio sempre nos suscitou bastante interesse, tendo sido uma prioridade constante na nossa prática pedagógica, no sentido de otimizar e diversificar cada vez mais estratégias no que concerne à abordagem à leitura e à escrita em contexto de Creche e Jardim de Infância.

Como consta das OCEPE³² a abordagem à leitura e à escrita insere-se no Domínio da linguagem Oral e abordagem à Escrita, da Área de Conteúdo de Expressão e Comunicação.

Realmente estamos conscientes que todas as crianças, quando entram para

³² Obra citada.

o Jardim de Infância, já têm muitas concepções sobre a escrita e a leitura e cabe ao educador aproveitar esses conhecimentos. A partir daí, deve ajudar a criança a fazer novas descobertas neste domínio, permitindo-lhe contactar com as diferentes funções do código escrito. É evidente que a intenção do educador não deve passar por uma introdução “formal” a estes conteúdos, mas oferecer à criança estratégias facilitadoras de uma emergência da linguagem escrita.

As crianças primeiro começam por fazer “leitura de imagens” o que deve ser incentivado pelo educador, numa perspectiva de literacia, na qual a criança vai interpretando a realidade e criando as suas ideias sobre a funcionalidade da escrita.

Cabe ao educador proporcionar situações de aprendizagem nas quais a criança possa enriquecer a sua expressão oral e apropriar-se das funções da linguagem, criando um ambiente facilitador à emergência do código escrito.

Neste sentido as tentativas de escrita por parte da criança devem ser incentivadas e valorizadas. A criança começa a fazer as suas primeiras imitações do código escrito aproximando-se cada vez mais do modelo.

É importante que a criança se vá apercebendo que o que se diz também se pode escrever, tornando-se o escrito num meio que nos permite recordar o vivido.

O contacto com o livro proporciona a descoberta do prazer da leitura e o desenvolvimento da sensibilidade estética. Por isso é importante escolher livros de qualidade estética e literária para a Biblioteca da sala de actividades e diversificar os tipos de narrativa da poesia à prosa, passando por vários tipos de obras, como livros de histórias, revistas, dicionários e pequenas enciclopédias.

É extremamente importante ler histórias para as crianças, tendo o cuidado de envolvê-las no decorrer da leitura e escolher vários tipos de texto. Simultaneamente o educador deve incentivá-las a interpretar a história, o seu sentido, as ideias fundamentais, e ler outros suportes escritos, de modo a que

as crianças se possam aperceber de outras funções da escrita e da leitura.

Deste modo o educador deve proporcionar vários momentos de contacto com o texto escrito, quer através dos já apontados como também através do registo da fala da criança, em textos elaborados pelo grupo ou individualmente.

Partindo da natural propensão da criança, desde a mais tenra idade, para ouvir e se deliciar com histórias decidimos, neste ano lectivo, retomar um projecto que já tínhamos experimentado em anos anteriores: o Projecto do Empréstimo dos Livros para casa.

Logo nos primeiros dias de Janeiro encomendámos uns sacos em pano na cor do bibe do grupo, vermelho, pois ajuda a que o livro seja bem transportado e bem cuidado, resguardando-o da sujidade e outras agressões, no caminho até casa da criança. Simultaneamente, como é um saco especial, incentiva-a a não o usar para nenhum outro fim.

O facto de as crianças do grupo já se terem deslocado várias vezes à Ludoteca na Casa da Cultura da nossa cidade também ajudou, pois foram elas que disseram tudo o que era preciso fazer para levar livros para casa. Realmente já tinham ouvido as senhoras da Ludoteca explicar que se quisessem podiam levar livros para casa com os pais, tendo um cartão da Biblioteca e usando a palavra requisição. Portanto estes procedimentos não eram de todo desconhecidos pela maioria das crianças. Algumas contaram ao grupo, em conversa na sala, episódios ocorridos consigo e com os seus pais sobre visitas a Bibliotecas.

Definimos então com as crianças, em conversa de grande grupo, as regras para a utilização dos livros. Também pensámos que seria bom fazer um desdobrável para os pais, para lhes explicar o modo como ia funcionar o empréstimo. Discutimos ainda como íamos decorar o saco para o transporte do livro e o que íamos precisar para requisitarmos os livros na Biblioteca da nossa sala, procurando que se assemelhasse ao modo como funcionam as

“Bibliotecas dos adultos”.

Neste sentido resolvemos fazer Cartões da Biblioteca, Fichas de Requisição e Fichas para registar em casa a opinião sobre o livro.

As crianças, espontaneamente, foram então dizendo algumas ideias que apontámos como regras discutidas e aceites por todos:

- os livros são para ler
- temos que ter cuidado com os livros
- não devemos rasgar os livros
- não devemos pôr os livros no chão
- não podemos riscar os livros

Com este projecto pretendemos alcançar alguns objectivos de carácter geral:

- proporcionar o gosto pela leitura
- estreitar os laços familiares a propósito da leitura e do gosto por ler
- fomentar a emergência da leitura e da escrita
- incentivar à descoberta do que o livro tem para oferecer e ensinar
- oferecer possibilidades de fruição estética através do livro

No desdobrável que foi para casa também constavam alguns passos a seguir para a leitura da história, com o objectivo de orientar um pouco os pais:

- os pais devem ler o livro no fim de semana com a criança, mostrando-lhe as imagens as vezes que a criança quiser;
- os pais devem incentivar a criança a “ler” as imagens ou algumas letras se ela manifestar interesse;
- no final perguntar à criança o que gostou mais ajudando-a a registar a sua opinião na ficha que deve ilustrar.

Para além disso definimos com o grupo a forma como o empréstimo iria decorrer: os livros iriam ser requisitados à sexta-feira para que os pais tivessem o fim-de-semana para lhes contar a história e ajudá-los a preencher a ficha. Na segunda-feira os livros deveriam voltar para a escola.

Pensámos também que seria interessante que todas as segundas-feiras uma das crianças contasse a sua história aos colegas por palavras suas, e explicasse o que registou na sua ficha. Para terminar explicámos-lhes que já tínhamos conversado sobre este projecto com os pais, na reunião do princípio do ano lectivo, e por isso eles já sabiam como ia funcionar. De qualquer forma o desdobrável iria no saco, na primeira sexta-feira, e eles iam ficar a perceber tudo.



Figura 28: A C. a assinar o seu cartão da Biblioteca

Organizámos seguidamente um dossier com: o Inventário dos livros de histórias existentes na Biblioteca da sala, as bolsas com os nomes das crianças para levar as fichas de opinião para casa, as fichas de opinião da história, uma folha por criança para anotar os livros que iam levando para casa e as fichas de requisição.

Para tornar o procedimento o mais perto da realidade possível de uma Biblioteca fizémos, com cada criança, um cartão para que pudesse requisitar livros na Biblioteca da sala.

O mais importante dentre deste projecto, no fundo, foi o verdadeiro prazer e divertimento que as crianças tiveram com a utilização do livro e que os pais se apercebessem como é importante começar a criar, desde a idade pré-escolar, gosto e hábitos de leitura.



Figura 29: A Ct. a requisitar o livro

Para nós também é importante ver que as famílias ficaram bastante entusiasmadas quando lhes explicámos o projecto, na reunião de pais do início

do ano lectivo.

Reflectindo sobre o empréstimo dos livros para casa pudemos constatar que a exploração do livro foi muito interessante e importante, através do entusiasmo e interesse demonstrado pelas crianças e alguns pais.

As fichas de opinião sobre a história apresentaram-nos panoramas bastante interessantes, desde os desenhos que as crianças fizeram até aos seus comentários. Nota-se que gostaram bastante e a chegada da sexta-feira foi aguardada com entusiasmo, pois é dia de escolher o livro para levar para casa.

Deste modo e, de uma forma geral, este projecto foi extremamente positivo e teve bons resultados que vão aumentar com certeza nos próximos anos.

5.5. Reunião de Conselho

Estas reuniões ocorreram religiosamente às sextas-feiras entre as 15.30h e as 16.00h, excepto se houvesse algum imprevisto como uma saída que tinha que se efectuar impreterivelmente neste dia e a esta hora.

O motor destas sessões é o *Diário de Grupo*. Através da leitura das colunas do “Gostei” e “Não Gostei” faz-se a avaliação da semana. Seguidamente preenchemos a coluna do “Fizemos”, na qual quem quer participar diz as

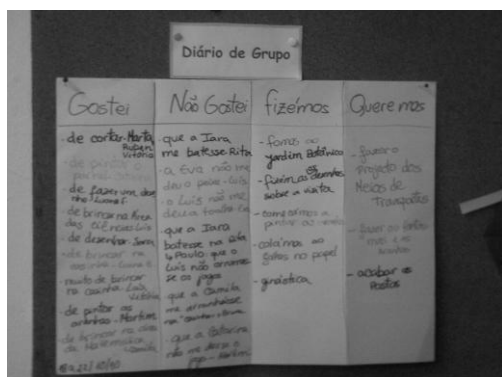


Figura 30: *Diário de Grupo*

actividades realizadas e, já no Diário da semana seguinte, apontamos o que queremos fazer futuramente ou os trabalhos que há para acabar, na coluna do “Queremos”, fazendo deste modo a nossa planificação da semana seguinte.

A regra de só participar quem põem o dedo no ar vigorou sempre e foi respeitada embora, por vezes, as crianças mais impulsivas tenham tido

alguma dificuldade em a cumprir sempre.

O mais importante nestas tardes foi o balaço sócio-moral da vida do grupo que se conseguiu realizar de forma bastante positiva, nomeadamente no que concerne à melhoria das relações entre as crianças que se efectuou, concretamente através das “pazes” que se fizeram resolvendo os conflitos enunciados na coluna do “Não Gostei”.

Definiram-se as Regras da Sala e chamou-se, quando foi necessário, a atenção para o seu incumprimento e para a necessidade de o fazer.

O grupo, de uma forma geral, beneficiou e fruiu muito positivamente destas reuniões e participou bastante, mesmo as crianças mais tímidas o fizeram com entusiasmo e avidez por expor a sua opinião, crítica ou sugestão.

Foi nestas reuniões que organizámos a nossa vida de grupo e o nosso trabalho e aprendemos a gerir as nossas emoções, tornando-se verdadeira e concreta a partilha do poder e a participação real de todos os elementos do grupo em todas as componentes do seu funcionamento.

VI Papel do Educador

Neste ponto vamos apontar algumas características que nos parecem fundamentais na actuação do Educador e que servem de base à nossa intencionalidade educativa. Segundo as OCEPE³³ a Educação Pré-Escolar deve criar condições para que todas as crianças tenham sucesso na sua aprendizagem, promovendo a sua auto-estima e auto-confiança.

O educador ao adoptar uma pedagogia estruturada, como a que definimos, concebe determinadas competências que permitam que cada criança atinja progressos e se desenvolva harmoniosamente.

Para além das capacidades cognitivas é certo que a criança se desenvolve num processo de socialização. Portanto o educador deve proporcionar à criança um ambiente rico em interacções.

É importante, para além disso, que o educador tenha em conta os saberes da criança inerentes à sua cultura familiar, partindo daí para construir uma cultura escolar e do grupo, respeitando a sua individualidade. A troca de experiências entre as diferentes culturas familiares e étnicas entre as crianças pode ser muito rica e o educador deve aproveitar este recurso na planificação das actividades, revelando a sua intencionalidade educativa. Todas as crianças devem ter o seu espaço e devem ser respeitadas nas suas diferenças, tornando o Jardim de Infância um espaço aberto e tolerante numa real perspectiva de “escola inclusiva”.

A intencionalidade educativa é o que caracteriza a intervenção profissional do Educador e pressupõe, como apontam as OCEPE, alguns passos que nos parece relevante apontar: observar, planear, agir, avaliar, comunicar e articular. Estas etapas estão interligadas entre si e uma pressupõe a seguinte, realmente a base do planeamento e da avaliação é a observação. Para que

³³ Obra citada, pg. 18.

exista uma actuação profícua e de qualidade é necessária uma observação atenta das particularidades de cada criança que constitui o grupo. Só deste modo o educador pode ter um bom conhecimento das crianças e, a partir do mesmo, planear o processo educativo, de modo a ir ao encontro dos seus interesses e gostos.

Ao prever o que fazer e como fazer, seleccionando recursos humanos e materiais, o educador deve delinear as estratégias e as formas como vai passar a sua mensagem a cada criança, dentro da sua individualidade. Isto implica que estas sejam diversificadas de modo a atender de forma real a cada criança com o objectivo de a estimular e oferecer andaimes à sua progressão, segundo a noção de “scaffolding” de Vigotsky³⁴, actuando na sua Z.D.P. (zona de desenvolvimento próximo) para que esta possa construir as suas aprendizagens. Portanto estamos certos que este apoio educativo tem que ser individualizado e manifestamente diferente de acordo com a especificidade de cada criança, de contrário poder-se-ia apenas estimular um grupo pequeno de crianças que esteja mais desperto para determinada actividade ou deixar passar boas situações de aprendizagem.

No nosso entender aqui reside um aspecto determinante na actuação quotidiana do profissional de Educação de Infância: é necessário “agarrar” cada momento, ainda que pareça insignificante à primeira vista, para possibilitar à criança o seu crescimento e desenvolvimento. O processo de avaliar é extremamente importante e deve ser feito diariamente e com a colaboração do educador, das crianças, dos pais e dos demais intervenientes na acção educativa, de modo a que a avaliação seja verdadeiro suporte para novo planeamento. Ao reflectir sobre o vivido poder-se-ão traçar novas linhas de

34 In *A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar*.
Obra citada.

conduta, novas possibilidades e novos projectos de trabalho de forma a progredir positivamente. Para tal há que haver laços estreitos entre o educador, as famílias e a equipa educativa, comunicando de forma ágil, articulando esforços e partilhando os frutos do processo educativo.

O educador deve ter um papel, na metodologia MEM, de ser um parceiro educativo para a criança juntamente com os seus pares. Deve portanto estar atento a todas as actividades da criança e às situações de aprendizagem que ocorrem nas diferentes áreas da sala, ajudando-a a progredir no seu conhecimento com a sua experiência de adulto. Esta postura passa por não dar todas as respostas à criança, mas por estimulá-la para que investigue e descubra por si própria desenvolvendo deste modo o seu raciocínio.

Tal como aponta Sérgio Niza³⁵ “a Aprendizagem pela experiência baseia-se em três pressupostos: que aprendemos melhor quando estamos pessoalmente envolvidos (...), que o conhecimento tem de ser descoberto por nós próprios se quisermos que este seja significativo e produza consequências no nosso comportamento e que o compromisso para a aprendizagem é maior quando temos liberdade de estabelecer os nossos próprios objectivos e de os seguirmos de perto, activamente dentro de uma estrutura”. Estamos plenamente de acordo com estas afirmações e certos que faz parte do nosso papel criar condições para que possa ser uma realidade, o que se relaciona intimamente com a perspectiva de trabalho que o MEM preconiza.

³⁵ In Editorial da Revista *Escola Moderna*, n.º 38. Obra citada, pg. 2.

Conclusão

Neste momento apenas nos resta fazer algumas considerações finais, reflectindo sobre todo processo.

Todo este ano de Mestrado foi uma aventura (uma pequena loucura) de quem sempre procurou progredir, saber mais, estudar e, sobretudo, reflectir diária e continuamente sobre a prática de modo a melhorá-la progressivamente dia após dia. E foi verdadeiramente uma aventura que exigiu enorme esforço e trabalho mas deu-nos também um enorme gozo e permitiu-nos, acima de tudo, reavivar muitos conhecimentos, talvez um pouco adormecidos, e aprender outros que vieram enriquecer sem dúvida nenhuma a nossa prática educativa no contexto real da sala de actividades.

Pensamos que o ano lectivo 2010/2011, ao qual se reporta este trabalho, de uma forma geral, correu muito bem. O grupo esteve geralmente interessado em todas as iniciativas que se desenvolveram. As crianças obtiveram bons progressos a nível do seu desenvolvimento, muitas bastante além do esperado, consoante os casos como é evidente. Realizaram-se actividades e projectos pertinentes e interessantes, que permitiram alcançar os objectivos que tínhamos delineado no nosso Projecto Curricular e que apresentámos de forma abreviada neste documento.

Conseguimos também criar uma boa empatia com as famílias e obter um bom empenho da sua parte, em todas as iniciativas que lançámos, tanto nos dias do pai e da mãe, como nas reuniões, festas e no projecto da Biblioteca.

Em todas estas e outras iniciativas, em tudo o que foi pedido para trazer desde pesquisas em projectos, pagamento para nos deslocarmos a teatros e espectáculos, e noutros contactos mais formais sobre o desenvolvimento das crianças, pensamos que os pais foram sempre muito prestáveis e interessados, de uma maneira geral. Não tivemos conflitos ou atritos de relevo a apontar

com os Encarregados de Educação, o que foi bastante agradável e nos dá enorme satisfação. No entanto pensamos que ainda há muito a fazer no sentido de aproximar o trabalho desenvolvido no Jardim de Infância das Famílias e pensamos, futuramente, desenvolver estratégias mais diversificadas nesse sentido.

Este foi o segundo ano deste grupo em contacto com a metodologia MEM e, podemos afirmar com todo o fundamento, que o trabalho dentro desta pedagogia lhes tem oferecido imensas aprendizagens e desafios e tem desenvolvido os seus próprios interesses. As crianças aprenderam enormemente a nível da Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo, tendo adquirido também importantes competências a nível Pessoal e Social. Para nós o desenvolvimento das crianças neste domínio tem enorme importância pois pensamos que é a base para adquirir todas as outras competências. Se não houver um bom relacionamento entre as crianças e entre nós com elas e com a auxiliar não é possível realizar aprendizagens verdadeiramente profícuas e benéficas a nível dos outros domínios.

A organização do espaço e do tempo desenvolvida na sala de actividades possibilitou uma grande autonomia e liberdade de escolha por parte de todas as crianças. Voltando ao tema deste relatório final de mestrado as crianças compreenderam perfeitamente as diferenças entre os tempos que constituíram a semana, e esta organização deu-lhes segurança, previsibilidade das actividades no tempo e possibilidade de constante participação e negociação na sua própria vida de grupo. E isto para nós é fundamental.

É evidente que tivemos sempre o cuidado de sermos bons moderadores em todas as discussões e negociações, de forma a evitar conflitos e a vencer barreiras.

No final do ano ficámos satisfeitos com o trabalho desenvolvido e com o sentido do dever positivamente cumprido. Temos contudo a certeza que ainda temos um mundo de coisas por aprender e descobrir, mesmo com doze anos de

profissão, e que há muito, mesmo muito por fazer e a vontade de o conseguir nos tempos futuros é constante, crescente e vibrante. Tal como o desejo de fazermos cada vez melhores práticas.

Reflectindo sobre a metodologia que apresentámos podemos dizer que tem para nós enormes vantagens, em relação ao método pouco consistente que usávamos anteriormente, que não seria mais que uma “manta de retalhos” feita com ideias de vários modelos pedagógicos devido a algumas referências remanescentes da formação inicial. Por isso tem-nos apaixonado cada vez mais. Temos verificado na aprendizagem das crianças que estão agora a um nível bastante mais avançado, comparando com os grupos que tivemos nos primeiros anos. A organização do espaço, as áreas e os materiais bastante mais diversificados e os diferentes tempos da semana permitem situações de aprendizagem mais organizadas, mais estruturadas e com maior concordância entre si.

O mais importante e relevante de facto, reflectindo sobre toda a estrutura da metodologia, é a possibilidade de as crianças terem poder dentro da sala, que deixa de estar exclusivamente na mão do adulto como na pedagogia directiva. No MEM as crianças planificam, decidem, avaliam, gerem todas as modalidades da sala em conjunto com os adultos, que se tornam mais um parceiro educativo em conjunto com os seus pares e com as suas próprias famílias. As crianças são livres de expor as suas próprias ideias e opiniões e estas são verdadeiramente valorizadas. Cada criança pode fazer os seus próprios projectos que idealizou e não fazer somente o que educador pensa e planifica. Nestas características reside para nós o cerne da pedagogia: a criança é o protagonista, é o senhor e não o servo, o centro da educação. Estas ideias ouvimo-las variadas vezes de Sérgio Niza, em vários congressos a que tivemos o prazer de assistir e comungamos perfeitamente das mesmas. A criança é valorizada por tudo aquilo que ela é, pela sua cultura, os seus saberes, os seus gostos, as suas opiniões pessoais e realiza as suas próprias

ideias, não se limitando a participar estimulada artificialmente em trabalhos padronizados com pouco ou nenhum interesse intrínseco.

Por tudo isto a criança aprende muito mais, pois constrói em cooperação a sua própria cultura em conjunto com todos os participantes do processo educativo que já referimos, mas principalmente com os seus próprios colegas. Está verdadeiramente envolvida e implicada nas situações educativas que desenvolve e idealiza, projecta, questiona, experimenta, produz, comunica e gera o seu próprio conhecimento.

Queremos ainda referir esta frase de Sérgio Niza, que reconhecemos ser verdadeira e porque comungamos da sua filosofia educativa:

*Qualquer esforço de uniformização ou simplificação
retiram da educação que é complexa e holística,
o seu sentido de desenvolvimento global.*

Bibliografia

As referências bibliográficas que seguidamente apresentamos compreendem as obras consultadas e utilizadas na construção deste documento e no nosso quotidiano de trabalho.

* Obras Publicadas:

- Barros, Maria Guilhermina; Palhares, Pedro (1997) *Emergência da Matemática no Jardim-de-Infância*, Coleção Infância, n.º2, Porto Editora
- Bronfenbrenner, U. (1979/1996) *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*, Porto Alegre, Artes Médicas
- Formosinho, Júlia Oliveira (org.); Spodek, Bernard; Brown, Patrícia Clark; Lino, Dalila; Niza, Sérgio (1998) *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*, Coleção Infância, n.º1, Porto Editora
- Godinho, José Carlos; Brito, Maria José Nunes (2010) *As Artes no Jardim de Infância*, Lisboa, ME, DGIDC
- González, Pedro Francisco (2002) *O Movimento da Escola Moderna*, Coleção Infância, n.º 9, Porto Editora
- Katz, Lilian e Chard, Sylvia (1997) *A Abordagem de Projecto na Educação de Infância*, Textos de Educação, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- Martins, Isabel P. et al. (2009) *Despertar para a Ciência - actividades dos 3 aos 6*, Departamento de Educação Básica: Núcleo de Educação Pré-Escolar, Lisboa, ME, DGIDC
- Máximo-Esteves, Lídia (1998) *Da Teoria à Prática: Educação Ambiental com as Crianças Pequenas ou O Fio da História*, Coleção Infância, n.º 5, Porto Editora
- ME (1999) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Departamento de Educação Básica: Núcleo de Educação Pré-Escolar

- ME (1999) *Qualidade e Projecto em Educação Pré-Escolar*, Departamento de Educação Básica, Núcleo de Educação Pré-Escolar
- Niza, S. (1992) *Em comum assumimos uma educação democrática*, In Cadernos de Formação Cooperada-1, Lisboa, Movimento da Escola Moderna
- Oliveira Formosinho (org.) (2008) *A Escola Vista pelas Crianças*, n.º 12, Colecção Infância, Porto Editora
- Vasconcelos, Teresa Maria Sena (1997) *Ao Redor da Mesa Grande – A prática educativa de Ana*, Colecção Infância, n.º 4, Porto Editora

* Publicações Periódicas:

- CEI, *Cadernos de Educação de Infância*, APEI
- Destacável da Revista Noésis, *Redescobrir Vigotsky*, n.º 77,
- Folque, Maria Assunção (1999) *A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar*, Revista *Escola Moderna*, n.º 5, 5.ª série
- Niza, Sérgio (2010) Editorial da Revista *Escola Moderna*, n.º 38, 5.ª série
- Sousa, Maria Teresa (2009) *Projecto Curricular – grupo A*, Revista do Movimento da Escola Moderna, n.º 33, 5.ª série

* Outras Fontes:

- <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/>

Apêndices

Índice

Apêndice 1: Lista de Materiais da Área do Faz de Conta

Apêndice 2: Lista de Materiais da Área da Escrita

Apêndice 3: Lista de Materiais da Área da Matemática

Apêndice 4: Lista de Materiais da Área das Ciências

Apêndice 5: Lista de Materiais da Área da Expressão Plástica

Apêndice 6: Folha de Inscrição de Visitas da Família

1- Lista de Materiais da Área do Faz de Conta

MATERIAL
Mesa
Bancos
Mesa-de-cabeceira
Fogão e lava-loiças
Cama de bebés
Bengaleiro com caixas de arrumação e espelho
Fantocheiro de flanela
Fantoches de velcro
Fantoches de dedo de histórias e de raças do mundo
Dinheiro em plástico (notas e moedas)
Roupas, panos, lençóis, mantas
Pulseiras
Carteiras e carteiras de documentos
2 bebés de raça branca e 1 de raça africana
Roupa de bebé
Pratos
Talher
Copos
Taças
Comida de plástico (carne, peixe, frutas, legumes, tartes, ovos)
Toalha de mesa, aventais, pega
Caixas de arrumação

Fruteira
Óculos de sol

2 - Lista de Materiais da Área da Escrita

MATERIAL
Lápis de carvão
Cadernos individuais lisos
Letras móveis
Letras magnéticas e quadros magnéticos
Ficheiros de escrita com imagens
Textos
Computador
Mesas
Cadeiras
Carimbos e almofadas de carimbo
Jogos de associação palavra-imagem
Letras para carimbar, carimbo e almofada de carimbos
Caixa de nomes das crianças do grupo
Caixa de imagens/palavra

3 - Lista de Materiais da Área da Matemática

MATERIAL
Blocos lógicos e ficheiro de actividades
Geoplano, elásticos e ficheiro de actividades
<i>Tangram</i> e ficheiro de actividades
Jogos com números
Dominós
Colecções de objectos e pratos coloridos (material de triagem)
Jogos “Lógico primo”
Ábaco
Números e quadros magnéticos
Números móveis
Formas geométricas
Réguas
Esquadros
Palhinhas de cores para classificar
Cadernos de quadriculado
Lápis de carvão
Jogos de enfiamento vertical

4 - Lista de Materiais da Área das Ciências

MATERIAL
Aquário da tartaruga
Tartaruga “Sofia” e comida para ela
Mapa de Portugal
Mapa-Mundo
Ímanes e materiais para experiência
Ampulhetas
Plantas
Jogo dos Países
Jogo da Alimentação
Jogo da Separação do Lixo
Conchas
Búzios
Lupas
Animais domésticos, selvagens, marinhos de plástico
Dinossauros de plástico
Penas
Jogo do corpo humano
Jogo das Texturas
Ficheiro de experiências

5 - Lista de Materiais da Área da Expressão Plástica

MATERIAL
DESENHO
Papel de fotocópia
Papel manteigueiro
Canetas de feltro
Lápis de cor
Lápis de cera
Lápis de carvão
Giz
Marcadores de acetato
Esferográficas
Pastel
Corrector
PINTURA
Cavalete
Papel manteigueiro
Pincéis e trinchas de várias espessuras
Tintas cenográficas
Aquarelas
Tintas de tecido
Tintas acrílicas
Tintas de óleo
Espátulas
Esponjas

Pratos e taças para tintas
Bibes ou aventais impermeáveis
MODELAGEM
Plasticina
Barro
Pasta de modelar
Teques de modelagem
Cortadores de Metal
CONSTRUÇÕES, RECORTE E COLAGEM
Papéis de tipos, espessuras, tamanhos e cores variadas
Papel de Jornal
Revistas
Catálogos
Papel de Lustro
Cartolinas lisas e caneladas
Livros e Dossiers de Construções em 2 e 3 D
Ficheiro de técnicas de Expressão Plástica
Revistas de Bricolage para a Infância
Papel autocolante transparente e de cor
Papel Kraft de várias cores
Papel de seda
Papel crepe

Tesouras
Colas várias
Fita-cola (transparente e isoladora)
Agrafador
Furador
Clips
Tecidos, feltro, serapilheira
Arame
Botões
Massas
Fitas várias
Cordel
Corda
Lãs
Algodão
Lixa
Penas
Olhos de Plástico
Palhinhas
Missangas
Paus de espetada
Molas da roupa

Ráfia
Limpa-cachimbos
Balões e bomba para os encher
Rolhas
Tampas de plástico
Bolas de esferovite
Contas para enfiar
Bisnagas de relevo e de brilhantes

6 - Folha de Inscrição de Visitas da Família

FAMÍLIA QUERIDA,

a partir da próxima **terça-feira** já podem vir visitar-nos entre as 10h e as 11h ou entre as 15h e as 16h para virem:

- ☉ contar uma história
- ☉ cantar uma canção
- ☉ falar sobre a vossa profissão
- ☉ tocar um instrumento musical
- ☉ fazer algum trabalho manual ou de artesanato
- ☉ fazer uma receita
- ☉ e tudo o que mais quiserem e souberem

Nós **adorávamos** que viessem!!!!

Podem-se inscrever e falar com a Rute ou com a Goreti:

Sou a/o:	Sou familiar do/a:	Quero fazer:	No dia:

